

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINE VANZELLA MOREIRA PEDRUZZI

O REPÓRTER E A FONTE: TROCAS E CONSTRUÇÕES NO JORNALISMO POPULAR

Porto Alegre

2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CAROLINE VANZELLA MOREIRA PEDRUZZI

O REPÓRTER E A FONTE:
TROCAS E CONSTRUÇÕES NO JORNALISMO POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Ivone Maria Cassol

Porto Alegre

2019

CAROLINE VANZELLA MOREIRA PEDRUZZI

O REPÓRTER E A FONTE:

TROCAS E CONSTRUÇÕES NO JORNALISMO POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Maria Cassol – PUCRS

Profa. Dra. Neka Machado – PUCRS

Profa. Dra. Karen Sica Cunha – PUCRS

Porto Alegre
2019

*Dedico este trabalho à criança que
nunca desistiu de ser quem sempre quis ser.*

AGRADECIMENTOS

Sábado, dia 16 de novembro de 2019. Agora marcam 20h13 no relógio. Este é um momento memorável, talvez o momento acadêmico mais importante desde a aprovação no vestibular em 2013, sim, 6 anos de faculdade, sem contabilizar, aqui, o tempo cursado em Pedagogia, iniciado em 2010 e interrompido no ano seguinte. Haveria mais uma professora na família e eu, por dentro, com medo do que seria de mim, mas principalmente das crianças com uma “criança grande” na sala de aula. Desisti de tudo e resolvi recomeçar do zero, 2 anos de cursinhos até que no inverno de 2013 consegui ingressar no curso de jornalismo pelo IPA. Lá fui apresentada à cachaça que é o jornalismo e viciiei, tive professores encantadores, verdadeiros dinossauros da notícia, como brincava o professor Léo Nunes. Aprendi a identificar o gerúndio com a querida Lisete Ghiggi e sua célebre frase “tô cagando e andando para o seu gerúndio”. Fiz amizades que levarei para a vida.

Em 2017, após um ano inteiro sem estudar, regressei à universidade, desta vez, na PUCRS, e desde o primeiro dia de aula eu tive contato com pessoas maravilhosas, cheguei sozinha, mas logo na primeira aula fui acolhida pelos publicitários - que pessoas incríveis - Lisi, Fê, Ferdinando e Rafa. No dia seguinte, conheci aquela que seria uma das grandes parcerias até o fim da faculdade, minha querida amiga Gabi que esteve ao meu lado dentro e fora da vida acadêmica.

Foi na Famecos, também, que tive uma das maiores demonstrações do que é o espírito Marista desta instituição. Neste mesmo ano, perdi minha mãe para a luta contra um câncer e recebi em troca o suporte, a compreensão e o mais importante: o abraço dos professores e, aqui, em especial, agradeço ao Professor Fábio, por toda atenção dispensada a mim neste momento nada fácil. Obrigada de coração.

Acredito que tudo isto são frutos que colhi com a criação que recebi dos meus pais, Eloá e Victório, e a eles eu agradeço o dom da vida. Pela paciência que sempre tiveram comigo e pelas vezes que a perderam também. Obrigada por serem exemplo de pessoas que lutaram para ser quem são. Obrigada, mãe, por olhar sempre por mim, seja em vida ou, agora, no céu. Tua “pequeninha” tá acabando a faculdade! Obrigada, pai, por ser exemplo de superação, de determinação. Todas as vezes em que estava difícil demais conciliar a vida de casada com o trabalho e a

faculdade eu me lembrava das vezes em que te vi, na calada da noite, entre um trabalho e outro, datilografando teu TCC e isso me motivava a seguir em frente. Obrigada, mano (Bruno), por me confiar as crianças mais lindas para me chamarem de dinda e pela a Ju na minha vida! Quero que tu não desistas do teu curso, segue firme que falta pouco! Obrigada, minha mana Gabi, minha “ermã”, minha amiga, que a cada dia me dá mais orgulho da mulher que se tornou e que sempre acreditou que eu seria, um dia, uma jornalista, não só nas brincadeiras. Ao Ariel, obrigada por cuidar na nossa nenê!

Aos meus sogros, Ana e Delvino, que sempre estiveram disponíveis para ajudar no que fosse. E aos meus cunhados, Tiago e Michele, que revisaram este trabalho, muito obrigada!

Aos meus padrinhos, Niti e Beto, por aceitarem as minhas visitas acompanhada dos livros e por todo carinho que sempre me deram.

A minha orientadora, Ivone Cassol, uma grande professora e uma entusiasta do tema escolhido, obrigada por acreditar nesta pesquisa e por todo o suporte.

À repórter Aline Custódio, por partilhar suas vivências de profissão com esta jovem colega.

Ao meu grande amor, meu Lucas, que cuidou de mim todo esse tempo, que nunca permitiu que eu nunca deixasse que eu duvidasse das minhas escolhas, que sempre esteve ao meu lado e que, por vezes, me lembrou do quanto eu era capaz. Só sendo alguém muito abençoada para encontrar na mesma pessoa o melhor amor e o melhor amigo. Te amo sempre!

A Nossa Senhora das Graças – a mãe do céu – aquela a quem eu sempre recorri para que estivesse à frente, intercedendo por mim e pelos meus.

A Deus, por tudo que sou e tenho.

“[...] o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças [...]”.(2 Timóteo 4:17).

Assim como o professor e o aluno vivem e crescem nessa aventura, jornalista e sujeitos de informação têm uma oportunidade ímpar de, ao se conhecerem, percorrem labirintos de autoconhecimento. Numa fértil osmose, ambos se modificam, o “eu” sabe um pouco mais do “outro”, o “eu” se ilumina nas diferentes faces do “outro”. O filósofo Martin Buber o expressa assim em *Do diálogo e do dialógico*: “A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação “eu-tu”, e não em termos da relação “eu-isto”. (MEDINA, 1996, p. 223)

RESUMO

Este trabalho tem como enfoque principal a figura do repórter e sua relação com as fontes dentro do universo do jornalismo popular. Pretende-se validar com este estudo, que tal profissional, quando se permite envolver e viver as histórias que são contadas por aqueles que, talvez, jamais fossem ouvidos, exerce um papel social fundamental para essas pessoas. São, muitas vezes, histórias simples do cotidiano, como por exemplo: alguém que não consegue marcar uma consulta pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ou como a menina bailarina de Alegrete/RS que sonha em dançar numa companhia de dança no exterior, entre outras tantas histórias. O jornalismo humanizado propõe essa relação diferenciada e, com isso, tanto a fonte/leitor quanto o veículo ganham. O levantamento bibliográfico dá o embasamento teórico necessário. A pesquisa documental e a entrevista realizada com a repórter Aline Custódio contribuem para o estudo de caso, que também inclui a análise de três reportagens veiculadas no jornal Diário Gaúcho, pertencente ao Grupo RBS, com autorias jornalista que ilustra, aqui, a figura do repórter. A relação humanizada e respeitosa da jornalista com leitores e fontes, além da qualidade das histórias que compõem suas reportagens comprovam a importância do repórter para o jornalismo e, especialmente, para aquele de cunho popular.

Palavras-chave: Jornalismo popular. Repórter. Diário Gaúcho. Gênero jornalísticos. Jornalismo humanizado. Aline Custódio.

RESUMEN

Este trabajo tiene como enfoque la figura del reportero y su relación con las fuentes en el universo del periodismo popular. Se busca validar, con este estudio, que dicho profesional, cuando se permite involucrar y vivir historias que son contadas por aquellos que, quizá, jamás serían escuchados, ejerce un rol social y fundamental para esas personas. Son, muchas veces, historias sencillas del cotidiano como, por ejemplo, alguien que no logra marcar una consulta por el *Sistema Único de Saúde (SUS)* o como la chica bailarina de Alegrete/RS que sueña bailar en una compañía de danza en el extranjero, y otras tantas historias. El periodismo humanizado propone esa relación distinta y, con eso, tanto la fuente/lector como el vehículo ganan. El levantamiento bibliográfico ofrece el soporte teórico necesario. La investigación documental y la entrevista realizada con la reportera Aline Custódio contribuyen con el estudio de caso que también incluye el análisis de tres reportajes publicados en el periódico *Diário Gaúcho*, perteneciente al *Grupo RBS*, con autorías de la periodista, que ilustran, aquí, la figura del reportero. La relación humanizada y respetuosa de la periodista con los lectores y las fuentes, además de la calidad de las historias que componen sus reportajes, comprueban la importancia del reportero para el periodismo y, especialmente, para aquel de carácter popular.

Palabras clave: Periodismo popular. Reportero. *Diário Gaúcho*. Géneros periodísticos. Periodismo humanizado. *Aline Custódio*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1- Diferenças entre os tipos de jornalismo: o cívico e o popular	20
FIGURA 1 - Quadrinho Calvin e Haroldo	23
QUADRO 2 - Diferenças entre os tipos de jornalismo: o sensacionalista e o popular	24
QUADRO 3 - Índice de circulação dos jornais entre 2017 e 2018	29
FIGURA 2 - Capa	31
FIGURA 3 - Seção Falando de Sexo	32
FIGURA 4 - Seção Seu Problema é Nosso	40
FIGURA 5 - Tipos básicos de projetos para estudos de casos	45
FIGURA 6 - Três capas do Diário Gaúcho	50
FIGURA 7 - Matéria Sonho de Bailarino	52
FIGURA 8 - Série de reportagens Invisíveis	55
FIGURA 9 - Série de reportagens Invisíveis, Carta dos Leitores	56
FIGURA 10 - Reportagem “Um sonho trilhado na ponta dos pés”	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O JORNALISMO POPULAR	14
2.1 SOBRE O “POPULAR”	14
2.2 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO CÍVICO, DO SENSACIONALISTA E DO POPULAR	18
2.2.1 Jornalismo Cívico	18
2.2.2 Jornalismo Sensacionalista	22
2.2.3 Jornalismo Popular	25
2.3 JORNALISMO POPULAR NA ATUALIDADE: DIÁRIO GAÚCHO	28
3 O REPÓRTER E AS FONTES NO JORNALISMO POPULAR	34
3.1 FONTES: OFICIAL x POPULAR	34
3.2 O LEITOR PARTICIPANTE	38
3.3 A REPÓRTER ALINE CUSTÓDIO E SUAS FONTES	41
4 AS FONTES E O REPÓRTER NO DIÁRIO GAÚCHO	44
4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	44
4.1.1 Relatório	45
4.1.2 Estudo de Caso	49
4.1.3 As Reportagens	50
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A - Entrevista com a Jornalista Aline Custódio, uma repórter popular.	67
ANEXO A - Matéria na íntegra “Sonho de Bailarino”, página 6 e 7	73
ANEXO B - Matéria na íntegra da série “Invisíveis”, páginas 2 a 4	75
ANEXO C - Matéria na íntegra “Um sonho trilhado na Ponta dos pés”, páginas 17 a 19	78

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende identificar e refletir sobre a importância do repórter no cumprimento de seu papel social como jornalista e sua relação com a fonte, bem como; identificar os benefícios desta relação na produção dos conteúdos jornalísticos e os ganhos na qualidade informativa. Também é intenção realizar uma abordagem sobre quais são as principais fontes do jornalismo popular. Diferente do jornalismo de referência, o que leva o nome de popular tem como fontes, principalmente, personagens da sociedade, da comunidade, das instituições, associações e ONGs, o que justifica a escolha da questão norteadora deste estudo.

No jornalismo de referência, as fontes são reconhecidas publicamente, pois se tratam de autoridades notórias ou que ocupam cargos em instituições públicas e outras, ainda, de reputação incontestável, enquanto os personagens do popular incluem, além destes agentes, também os representantes da sociedade em geral que, por vezes, são os próprios leitores. Neste caso, são leitores que desenvolvem uma identificação com as reportagens publicadas nos veículos de comunicação e se sentem motivados a participar, sugerindo pautas e personagens. Por isso, é necessário identificar a importância dessa relação para a jornalismo, compreender as diferenças e semelhanças entre fontes oficiais e populares.

Para conceituar o jornalismo popular, torna-se necessário identificar as principais características que, por vezes, o aproximam e o confundem com o jornalismo sensacionalista ou com o cívico. No jornalismo sensacionalista existe uma característica mais popularesca e acompanhada da superexposição da violência, seja por meio de fotos, textos ou títulos apelativos. Segundo Traquina (2015), o jornalismo cívico se propõe a mobilizar um grupo de pessoas ou mesmo uma comunidade em prol de um bem comum.

A figura do repórter tem especial função na sua relação com as fontes e, também, com o leitor na linha do popular. O case analisado integra a proposta do jornal popular Diário Gaúcho, que teve seu lançamento no ano de 2001 e que tem se valido da sua relação com o leitor para desenvolver notícias e reportagens que

buscam valorizar o público leitor. Uma repórter que exemplifica essa relação é a jornalista Aline Custódio, que trabalhou por cinco anos na redação do jornal e, atualmente, desempenha suas funções no portal de notícias Gaúcha ZH.

Este estudo é importante para o jornalismo, pois busca destacar e valorizar a profissão do repórter, uma categoria pouco respeitada nos últimos tempos. É relevante registrar a relação de confiança que se estabelece entre o repórter e sua fonte, assim como as dificuldades que esse vínculo oferece. No Diário Gaúcho, o jornalismo popular é voltado para as periferias e para bairros da região metropolitana de Porto Alegre, e possui um papel prioritariamente social e humanizado; presta auxílio a quem precisa, através de uma matéria publicada, e, com isso, pode ser agente de transformação na vida de certos leitores.

Para essas reflexões, são importantes as contribuições de autores como Márcia Amaral (2006), Marilena Chauí (1986) e Cecília Peruzzo (2008) que sustentam as discussões sobre os aspectos específicos, (como fontes e linguagens) ligados ao jornalismo popular. Na área de estudos sobre as características do jornalismo popular, são valiosas as contribuições de Cremilda Medina (1996) para a compreensão de seu papel social. Este estudo contará com dois tipos de técnicas de pesquisas, a bibliografia, já citada acima, e o estudo de caso, a fim de comprovar que a relação entre o jornalista e sua fonte gera bons resultados na qualidade das matérias e qualidade formação da rede de contatos do repórter.

Dividida em cinco capítulos, a monografia apresenta esta seção como o primeiro, com um apanhado geral do que deve ser trabalhado ao longo desta pesquisa. O segundo capítulo apresenta conceitos e características do jornalismo popular. Este capítulo é utilizado para compreendermos o que é “popular”, bem como abordar as diferenças o jornalismo popular com relação ao jornalismo cívico e ao jornalismo sensacionalista, por fim, no jornalismo popular da atualidade, com o caso do jornal Diário Gaúcho

O terceiro capítulo trata da importância da fonte e da sua relação com o repórter. Também disserta sobre quem é a fonte, de modo que seja possível personificar aqueles que qualificam o trabalho do repórter com as suas

contribuições, buscando diferenciar a fonte oficial da popular, e classificar tais diferenças. A descrição do papel do leitor participante, que por meio de seu engajamento tanto pode pautar uma matéria, como ser personagem dela ou, então, através de uma matéria iniciar um movimento em sua comunidade. Por fim, a relação humanizada de um repórter com as suas fontes deve ser abordada a fim de constatar que essa relação ajuda a estreitar os laços de confiança entre as partes e que tanto para a fonte quanto para o jornalista.

O estudo de caso ocupa o quarto capítulo, quando a atenção se volta para o trabalho da repórter Aline Custódio, no período em que se dedicou à produção de conteúdo para o Diário Gaúcho. A pesquisa tem por finalidade ressaltar a relevância do trabalho do repórter na construção da identificação do leitor com o veículo de comunicação popular, e de quanto essa relação pode contribuir para a qualidade informativa do jornal, além dos benefícios que a sociedade ganha com mais prestação serviços e apoio às causas de quem mais necessita.

2 O JORNALISMO POPULAR

No dicionário Houaiss (2010, p.613), a palavra popular está ligada a algo ou alguém que pertença ao povo, que desperte simpatia e que possua notoriedade. No jornalismo, este termo aplica-se também para definir e classificar um formato de comunicação. Para estudiosas do assunto como Amaral (2006) e Peruzzo (1991), o que caracteriza o jornalismo popular é que, desde a apuração até a concepção da matéria, se pensa no povo como protagonista das suas próprias histórias, de forma que suas matérias se tornem a voz do povo. As autoras têm importante participação neste capítulo dedicado à caracterização deste segmento jornalístico, pois a fundamentação do estudo requer o aprofundamento e a clareza conceitual trazidos por elas em suas pesquisas.

2.1 SOBRE O “POPULAR”

No meio jornalístico, a palavra popular é empregada para distinguir uma categoria comunicacional e jornalística destinada ao povo, chamada de jornalismo popular; que não se trata de jornalismo sensacionalista, nem mesmo de jornalismo cívico, diferenças que serão analisadas mais à frente.

Há, neste aspecto, questões que se voltam ao coletivo e ao interesse público. O jornalismo popular, por exemplo, pretende dar voz a uma parte da população que, por vezes, não recebe a devida assistência dos órgãos governamentais. Grande parte deste público está localizado nas periferias, e precisa ser olhado com a atenção que necessita. Peruzzo (2006, p.02), ao explanar sobre da comunicação popular afirma que “[...] de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando a atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”. Conforme Amaral (2006), trata-se de um segmento jornalístico voltado, principalmente, às classes B, C e D que possuem um público tão exigente quanto o público do jornalismo de referência. Este público quer se reconhecer, tanto na TV, como no impresso ou no

online, e ver se aquilo que lhe interessa está ligeiramente associado ao que pode impactar diretamente na sua vida, como se pode ver em Amaral (2006)

Os veículos usam como estratégia de sedução do público leitor a cobertura da inoperância do poder público, da vida das celebridades e do cotidiano das pessoas do povo. Os assuntos que interessam são prioritariamente os que mexem de imediato com a vida da população. Na pauta, o atendimento do SUS e do INSS, a segurança pública, o mercado de trabalho, o futebol e a televisão.(AMARAL, 2006, p.09).

A comunicação popular, para Peruzzo (2006), possui origens nos movimentos populares dos anos 1970 e 1980, no Brasil, e tem características comunicacionais que emergem da ação de grupos populares. No jornalismo não é diferente. O jornalismo popular suscita no público um sentimento de coletivo, de pertencimento, de identidade. Isto se torna possível quando o veículo compreende quem é seu público, e o percebe como um ser crítico que quer estar por dentro do que é relevante para si e para a comunidade onde está inserido

o povo é considerado portador de uma cultura heterogênea, preso à concretude da realidade. Por isso, os produtos dirigidos a essa camada social tendem a priorizar o que está relacionado com o mais próximo e concreto da vida do leitor, e dificilmente obrigam-se a buscar as causas dos problemas sociais. (AMARAL, 2006, p.61).

Da mesma forma, a fonte como visto, enriquece as pautas e sua ausência diminui o valor-notícia da matéria. A nomenclatura “fonte popular” é usada para distinguir as fontes não oficiais, (pessoas que testemunharam algo, ou que fazem parte do contexto) das “fontes oficiais” (pessoas aptas a dar pronunciamento em nome de instituições, que exercem um certo poder sobre a sociedade).

Para Amaral (2006), há um senso comum entre os repórteres que compreendem as fontes jornalísticas em camadas sociais diversas, estando engenhosamente posicionadas para defender aquilo que acreditam. Na visão de Kaplún (1985, apud PERUZZO, 2008), a comunicação popular é transformadora, serve para gerar consciência, sentimento de pertencimento em sociedade, bem como a compreensão de onde o cidadão está inserido no mundo através de

“uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Ressaltando os aspectos educativos desse tipo de

processo de comunicação, o autor (1985, p. 17) esclarece que as mensagens são produzidas “para que o povo tome consciência de sua realidade” ou “para suscitar uma reflexão”, ou ainda “para gerar uma discussão”.(KAPLÚN 1985, apud PERUZZO, 2008).

É de responsabilidade da imprensa trazer todos os lados do assunto tratado, apresentar as diferentes versões, introduzindo mais de um relato sobre o mesmo caso, isto permite que o receptor tenha a possibilidade de escolher e posicionar-se frente à notícia. É possível, também, afirmar que este seja um dos principais papéis do jornalismo popular: ser plural, conforme se vê abaixo:

Ser plural é uma questão-chave em face da existência de inúmeros interesses, pretensa, ou efetivamente, de caráter público. Como espelho da sociedade, caberia à imprensa reproduzir uma imagem cheia de nuances, repleta de pontos de vista e de abordagens diferentes para os mesmos temas (e não uma visão única, esquemática, reducionista sobre quase todos os temas). (FARIA, 2012, p.178).

Peruzzo (2006) compreende que a comunicação popular possui traços de militâncias e de lutas populares, como por exemplo, lutas por “melhores condições de vida” e que proporcionam um ambiente propício para a “participação democrática do povo”. Além disso, este movimento de comunicação popular permite ao povo um olhar educativo e em busca da sua independência para ser também um militante pelas causas comuns, conforme afirma a autora ao citar Palácios (2001)

o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer a distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (a distância), mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. (PALÁCIOS, 2001, apud PERUZZO, 2006, p13).

As grandes mídias, quando definem um segmento do seu produto comunicacional voltado às massas populares e periféricas, demonstram que se importam com seu público, sejam eles, ouvintes, telespectadores ou leitores. Valorar esta parcela da sociedade que se enquadra no perfil popular, passa a fomentar um espírito de esperança neste público como relata o autor Martín-Barbero (1997) em

sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* como podemos observar no trecho a seguir

A desarticulação do mundo popular como espaço do Outro, das forças de negação do modo de produção capitalista". Essa inserção das classes populares nas condições de existência de uma "sociedade de massas" levará o movimento popular a uma nova estratégia de alianças. Como se a nova experiência social tendesse a formar uma nova visão, uma concepção menos frontalmente questionadora: "A concepção de uma sociedade que pode ser reformada aos poucos, uma sociedade que pode chegar a ser mais justa. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.221).

Por se tratar de segmento popular, existem, ainda, muitos preconceitos com relação ao público consumidor e sua cultura, que pode ser diferente ou distante da realidade de quem produz o conteúdo, por isso, como relata Barbosa e Enne (2005), "[...] Pela identificação sonhadora com uma realidade cotidianamente romanceada para conseguir ser vivenciada [...]", por isso, é importante colocar-se de forma empática frente ao entrevistado. Compreender que, em alguns casos o uso de recursos como a fantasia, o espiritual e até mesmo a visão romantizada das fontes precisam ser respeitadas ao ouvir e retratar essas histórias, conforme recomendam as autoras que consideram os veículos de comunicação importantes agentes de mudança na transformação da realidade social

O popular muitas vezes é incompreensível aos nossos olhos, que interdita, num processo de dupla exclusão, os valores, os entendimentos, as preferências de um público pertencente a um dado universo cultural. O popular é formado, na longa duração, pela mescla dos dramas cotidianos, pelos melodramas, pelas estruturas narrativas que apelam a um imaginário que navega entre o sonho e a realidade. Pela identificação sonhadora com uma realidade cotidianamente romanceada para conseguir ser vivenciada. O popular apela ao grotesco, ao mesmo tempo em que está circundado pelos valores de uma cultura que perpassa todos os níveis da sociedade. O popular se nutre também dos gostos, dos apelos, dos desejos de outros grupos, num processo de circularidade da cultura tão bem estudado por Bakhtin (1996). A partir da explosão dos meios de comunicação de massa como operadores da realidade social, o popular também se realiza no massivo. (BARBOSA, ENNE, 2005, p. 67).

Compreender o popular como um termo identitário, que nomeia um grupo de pessoas ou de uma sociedade, e pode estreitar vínculos dentro da comunidade em que está inserida e projetá-la para a sociedade como um todo demonstra otimismo, no entanto nem sempre é o que acontece. Barbosa e Enne (2005) afirmam quando

discorrem sobre jornalismo de referência e o jornalismo popular, de modo a trazer à reflexão do leitor os perigos de se agregar uma visão preconceituosa para o segmento popular, quando se define que o melhor jornalismo é o preparado para “os que possuem capital simbólico e político suficiente para tornar os gostos hegemônicos”

Ao colocar em lados distintos duas tipologias de notícias, uma cujo conteúdo interpela o gosto popular – com apelo ao extraordinário, àquilo que foge ao comum, que se aproxima do inominável, o sensacional – e outra cujo primado seria a objetividade e a “seriedade”, estaríamos definindo um lugar para o gosto popular e um outro cujo gosto não é determinado pelos mesmos cânones culturais. Estaríamos reproduzindo uma dicotomia que revela valores preconceituosos. É como se de um lado estivesse o mau gosto (exatamente o gosto popular) e de outro, o bom gosto, daqueles que possuem capital simbólico e político suficiente para tornar até mesmo os gostos hegemônicos. (BARBOSA, 2005 ; ENNE, 2005, p. 67).

A palavra popular está estigmatizada e atrelada, por vezes, ao termo *marginal*, de modo que todo e qualquer conteúdo que seja referente a popular seja desprezado por parte da sociedade. Também é pertinente lembrarmos que o papel social do jornalismo popular é importante para a de conscientização da sociedade, reflete Freire (1975, p.8), “[...] pois ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo [...]”. O jornalismo popular possui essa importância perante a sociedade: proporcionar a conscientização de todas as classes, divulgar e prestar assistência em favor de quem não tem recursos ou voz para tanto.

2.2 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO CÍVICO, DO SENSACIONALISTA E DO POPULAR

Com o avanço do estudo, torna-se necessário aprofundar conceitos fundamentais e que inapropriadamente podem ser confundidos. O que é jornalismo popular? Poderia este ser também chamado de jornalismo cívico? Qual a aproximação do jornalismo popular com o sensacionalismo?

2.2.1 Jornalismo Cívico

O jornalismo cívico é fonte catalisadora para o engajamento populacional em prol de uma causa específica, o repórter tem um papel fundamental, que é direcionar sua percepção crítico-social em benefício da sociedade, de modo a promover um movimento ou ação iniciada por si, através de uma publicação e que ganha desdobramentos (sejam eles positivos ou negativos) em conjunto com a sociedade. O termo *jornalismo cívico*, conforme elucida Traquina (2015), adquiriu força nos anos 1990 durante as eleições presidenciais nos Estados Unidos. O editor do jornal *The Wichita Eagle* do estado do Kansas, Davis Merritt, é reconhecido como pai deste movimento. A contribuição de Merritt teve repercussão e mobilizou outros jornais americanos na adesão a esse “novo jornalismo”

No jornal dirigido por Davis Merritt, o *Wichita Eagle*, foi lançado em 1990 um projeto de jornalismo cívico intitulado Voter Project. Em consórcio com uma estação radiofônica e um operador televisivo, o jornal utilizou sondagens de opinião e focus groups para identificar as questões principais que preocupavam os cidadãos. Subsequentemente, as empresas jornalísticas envolvidas no projeto orientaram a sua cobertura da campanha eleitoral e destacaram essas questões, minimizando os ataques e contra-ataques dos candidatos. Nas seis semanas antes do dia de eleição, o *Wichita Eagle* publicou artigos aprofundados sobre as questões identificadas pelos cidadãos e apresentou a posição dos candidatos sobre cada questão. (TRAQUINA, 2015, p.296).

Este movimento se tornou importante para a imprensa, no que diz respeito à responsabilidade social que o jornalismo assume como agente integrador entre sociedade e, no caso citado, o eleitorado. O veículo agrupa os questionamentos do público que, por sua vez, pauta não somente o jornal, mas as falas dos candidatos. Traquina (2015) cita Jonathan Adler (1995) para ressaltar que o jornalismo cívico tem um papel importante no que se refere à conscientização da sociedade em relação a uma causa

Como escreve o crítico dos media, Jonathan Adler, o desafio consiste em ir para além da racionalização do status quo. Nesse sentido, o movimento em prol do “jornalismo cívico” responde ao desafio de querer mudar o status quo, mas a questão que fica em aberto reside em saber se este “novo jornalismo” assemelha-se mais a uma reforma ou uma revolução. (ADLER, 1995, p. 24, apud TRAQUINA, 2015, p.294).

Do mesmo modo como colabora Scortegagna¹ (2013, p.14), ao afirmar que

“[...] vemos o jornalismo cívico não só como um movimento de interesse acadêmico, mas como item necessário para rever a prática jornalística distanciada de seu público. Com a pós-modernidade veio o fim do comprometimento com o coletivo [...]”.

O papel do jornalismo como um todo é estar próximo do povo e dar voz para ele. Embora estejam diretamente ligados às causas populares, não se pode afirmar que o jornalismo popular e jornalismo cívico são iguais, apesar das fortes semelhanças. Schaffer (2004, apud AMARAL, 2009) elenca as diferenças em seu artigo *Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?*, expondo as características que podem distinguir e aproximar o jornalismo cívico do popular.

Quadro 1 - Diferenças entre os tipos de jornalismo: o cívico e o popular

JORNALISMO CÍVICO	JORNALISMO POPULAR
valoriza o conhecimento cotidiano de quem vive as situações;	leva em consideração a posição econômica, social e cultural do leitor e por isso fala de um determinado ponto de vista;
considera o leitor não como mero consumidor de jornal;	expõe as necessidades individuais das pessoas para servir como gancho para aquelas de interesse público;
encoraja o cidadão a se envolver com a vida pública;	representa as pessoas do povo de forma digna;
privilegia a compreensão do fato;	publica notícias de forma didática, sem perder seu contexto e profundidade;
faz entrevistas humanizadoras;	agrega o conceito de responsabilidade social da imprensa (o dever de assumir os efeitos sociais das informações que divulga) ao de utilidade social (o atendimento a interesses concretos dos cidadãos);
agrega valores sociais às notícias e incorporar boxes de informações, telefones, serviços, endereços eletrônicos.	define-se pela sua proximidade com o público, pela adoção de elementos do universo cultural do leitor e conexão com o local e o imediato;
agrega um entorno institucional ao problema;	é composto de notícias de interesse público,

¹ Laís Cerutti Scortegagna, em 2013, apresentou seu trabalho de conclusão de curso na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com o tema “JORNALISMO CÍVICO: A ARTE DE FAZER A DEMOCRACIA FUNCIONAR”, tal citação se torna relevante frente às considerações que a então aluna de jornalismo realiza no decorrer de sua pesquisa, e que neste momento adequa-se perfeitamente na descrição deste subcapítulo.

	relatadas de maneira humanizada;
pergunta para as pessoas quais são suas preocupações, como elas vêem as questões, pede a elas para definir os termos que utilizam;	suas notícias não têm dimensões exageradas, buscam ampliar o conhecimento do leitor sobre o mundo e substituir o ponto de vista individual pelo ponto de vista do cidadão ou da comunidade, sem se dirigir para o campo do entretenimento e do espetacular;
examina soluções para os problemas;	
capacita as comunidades a lidarem com seus problemas;	
trata de mais do que dois lados da história, consulta fontes oficiais;	

Extraído de Schaffer, 2004 apud Amaral, 2009, p.13.

No jornalismo cívico, o jornalista assume um papel de ator político e deixa de ser o *gatekeeper*², deixa de selecionar o que vira notícia e passa a ocupar um papel mais ativo, passa a ser um participante do conteúdo que está produzindo, afinal, como pessoa também faz parte de uma sociedade e possui apontamentos de melhorias sociais. Seu papel é importante, pois o repórter auxilia no processo de identificação do público com o seu lugar no mundo. Além disso, a contribuição das fontes oficiais têm maior expressão, diferentemente do jornalismo popular que veremos mais à frente. Nelson Traquina (2015) reitera que o movimento do jornalismo cívico vem para melhorar a relação entre os “*media*” e o povo, que anda em baixa, como podemos observar abaixo

Uma sondagem nacional realizada nos Estados Unidos em 1994 indica que somente 25% das pessoas inquiridas concordam com a afirmação que os *media* ajudam a sociedade a resolver os seus problemas. Outros números são inquietantes: enquanto, em 1973, 23% das pessoas inquiridas indicaram que tinham “muita” confiança nos *media*, a percentagem desceu para 14% em 1983 e apenas 10 % em 1994. Igualmente, em 1994, 63% das pessoas inquiridas indicaram que as empresas jornalísticas são frequentemente influenciadas por pessoas e organizações poderosas. (TRAQUINA, 2015, p.295)

Traquina (2015, p. 294) compreende que é necessário cautela, e que o principal objetivo desta proposta de jornalismo é mais clara, e nas palavras do professor Jay Rosen (1994, p.373) [...] “o jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania (*citizenship*), melhorando o debate público e revendo a vida

² Gatekeeper: termo utilizado para identificar um dos papéis do jornalista, o gatekeeper é quem tem o poder de decidir se uma notícia será veiculada, como um porteiro que escolhe quem passa ou não por ele.

pública”. Com tudo, é possível identificar e compreender as diferenças do jornalismo cívico para o jornalismo popular, da mesma forma que são distintos, são complementares.

2.2.2 Jornalismo Sensacionalista

Muitos estudiosos dissertam sobre o formato do jornalismo sensacionalista. No dicionário Houaiss (2010) o termo sensacionalismo está atrelado a busca por algo extraordinário, algo sem compromisso com a verdade dos fatos, algo que explora notícias sensacionais. No jornalismo, o termo sensacionalista remete o leitor à notícia que o coloque frente à sensação descrita naquela publicação.

A autora Márcia Amaral (2006, p.16), comenta que o sensacionalismo sempre esteve presente no jornalismo, [...] “o sensacionalismo enraizou-se na imprensa desde seu primórdios. Na França do século XIX, os jornais populares de uma página eram conhecidos como *canards*, que significa fato absurdo ou fato não verídico”. Marcondes Filho (1986) descreve o jornalismo sensacionalista como algo que esteja faltando ao público, quase que de forma instintiva, a fim de preencher as lacunas do papo no bar, como a televisão ou o jogo de futebol, como se, as publicações sanguinolentas pudessem preencher alguma lacuna emocional destas pessoas, a fim de desviar a atenção destas pessoas. Angrimani Sobrinho (1995) acredita que a imprensa sensacionalista não se resume a informar ou formar,

não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela”. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 15)

Para Angrimani Sobrinho (1995, p. 56), o termo jornalismo sensacionalista é, muitas vezes, adotado para identificar ausência de precisão na notícia ou até mesmo a distorção delas; além disso, há uma estranha atração popular pelos assuntos mais macabros possíveis que vão desde a supervalorização dos editoriais da violência, diferentemente de outros periódicos. “O assassinato. o suicídio, o estupro, a

vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal a sensação.” Bill Watterson, criador das histórias em quadrinhos de Calvin e Haroldo, usa sua arte para criticar esse formato sedutor de comunicação, como podemos ver na tirinha³ abaixo

Figura 1- Quadrinho Calvin e Haroldo



Também conhecido popularmente pelo nome “espreme que sai sangue”, o jornalismo sensacionalista enfrenta generalizações que, por vezes, o colocam à beira da mediocridade. Nos anos 1968 até o movimento musical e cultural brasileiro Tropicália “homenageou” o jornalismo sensacionalista com a canção “*Parque Industrial*”⁴ escrita por Tom Zé

[...]

E tem jornal popular que

Nunca se espreme

Porque pode derramar.

É um banco de sangue encadernado

Já vem pronto e tabelado,

É somente folhear e usar,

É somente folhear e usar.

³ Disponível no site “A era do Panóptico” com a matéria Análise de Reportagem: Jornalismo e Sensacionalismo Publicado em 10/04/2011:

<https://aeradopanoptico2011.wordpress.com/2011/04/10/analise-de-reportagem-jornalismo-e-sensacionalismo/>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

⁴ TOM ZÉ. **Parque Industrial**: LP Tropicália ou Panis et Circenses. São Paulo: Philips Records, 1968. disco sonoro (3:16);

Como diz na canção, os jornais, nesse período, eram mais recheados das violências cotidianas, que vinham acompanhadas de descrições verossímeis, fotografias macabras e histórias sem filtro. De maneira geral, os comentários se referem aos jornais destinados aos públicos das classes B, C e D como de cunho sensacionalista porque se autointitulam de jornais populares e que, em razão disso, seriam publicações de baixa qualidade noticiosa, de mau gosto e meras mercadorias.

Amaral (2006, p.22) reitera que “os jornais escandalosos são historicamente recorrentes e o sensacionalismo manifesta-se em vários graus. Caracterizar um jornal como sensacionalista é afirmar, de maneira imprecisa, apenas que ele se dedica a provocar sensações”. Apesar da proximidade entre os dois tipos de jornalismo, há diferenças como se pode ver no quadro.

Quadro 2 - Diferenças entre os tipos de jornalismo: sensacionalista e o popular

JORNALISMO SENSACIONALISTA⁵	JORNALISMO POPULAR⁶
o foco é a violência, bem como a exploração do sofrimento humano;	leva em consideração a posição econômica, social e cultural do leitor e por isso fala de um determinado ponto de vista;
é a exposição pela exposição	expõe as necessidades individuais das pessoas para servir como gancho para aquelas de interesse público;
representa o povo de forma escrachada, e por vezes de forma desrespeitosa;	representa as pessoas do povo de forma digna;
vende-se nas manchetes, aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor;	publica notícias de forma didática, sem perder seu contexto e profundidade;
em geral está ligado à intensificação, valorização da emoção; a exploração e troca o essencial pelo supérfluo ou o pitoresco e a inversão do conteúdo pela forma;	agrega o conceito de responsabilidade social da imprensa (o dever de assumir os efeitos sociais das informações que divulga) ao de utilidade social (o atendimento a interesses concretos dos cidadãos);
o que diferencia um jornal sensacionalista de um de um dito “sério” é a intensidade. O sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação;	define-se pela sua proximidade com o público, pela adoção de elementos do universo cultural do leitor e conexão com o local e o imediato;

⁵ As características de jornalismo sensacionalista foram extraídas do cap I do livro “Jornalismo Popular” de Márcia Franz Amaral, (2006, p.21)

⁶ Extraído de Schaffer, 2004 apud Amaral, 2009, p.13.

	é composto de notícias de interesse público, relatadas de maneira humanizada;
possui características de escritas fantasiosas e irreais;	suas notícias não têm dimensões exageradas, buscam ampliar o conhecimento do leitor sobre o mundo e substituir o ponto de vista individual pelo ponto de vista do cidadão ou da comunidade, sem se dirigir para o campo do entretenimento e do espetacular;

Além disso, Amaral (2006) comenta que o termo sensacionalista já não cabe mais para designar uma categoria voltada para o povo, portanto, jornalismo sensacionalista não é sinônimo de jornalismo popular.

2.2.3 Jornalismo Popular

Uma das características mais fortes do jornalismo popular é o público a quem se destina esse material, diferentemente do jornalismo de referência, como já vimos anteriormente. Para a autora do livro *Jornalismo Popular*, Amaral (2006, p.51), “[...] os limites entre os dois tipos de imprensa são difíceis de serem estabelecidos nas pautas apresentadas, nas fontes escolhidas, nos pontos de vista adotados e na linguagem usada [...]”. É necessário um posicionamento por parte da redação, de compreender, por exemplo, que o público popular também quer estar informado, porém com uso de uma linguagem adequada.

É importante salientar, a importância na construção de uma relação de parceria entre o veículo e as fontes. Esta última (as fontes), espera por temas de interesse público e temas de prestação de serviços que sempre ganham maior destaque neste segmento,

Um tipo de jornal sobrevive prioritariamente de um discurso sobre questões de interesse do público. A imprensa considerada “mais séria”, destinada às classes A e B, precisa legitimar-se entre os formadores de opinião e, por isso, aborda temas classificados como mais relevantes a imprensa que pretende conquistar o leitor das classes C, D e E dá mais atenção às temáticas de interesse desse público. (AMARAL, 2006, p.13).

Para Serra (1980, apud NUNES, 2011, p. 491), “a definição faz referência a outro conceito: os *fait-divers*⁷, “[...] que de marginal nos jornais ‘sérios’ torna-se básico nos ‘populares’ [...]”. Isto, porque o popular é estigmatizado por simplesmente falar o que o público deseja ler, sempre com uma comunicação didática, que não pretende subestimar, mas sim formar seu leitor. As páginas de um jornal popular sempre trazem editoriais de variedades, de serviço e espaço do leitor. É um produto criado e vendido para que o público se identifique desde a capa até as matérias mais aprofundadas. É o que afirma Nunes (2011, p. 500) “[...] o jornal busca atrair o leitor através da representação na capa de pessoas semelhantes a ele, configurando-se uma ordem peculiar de ênfase de conteúdo e captação da atenção do público: ‘leitores através de leitores’ ” e como discorre Amaral

Ao conceder lugar para a fala dos populares, os jornais inovam porque no mercado simbólico do campo jornalístico a manifestação popular tem uma tímida história de inclusão nos jornais impressos, nos quais os lugares disponíveis para as falas se relacionam à importância social, econômica e cultural das fontes. [...] No entanto, ao tornar seus leitores protagonistas das suas matérias, o jornal popular tem de tomar cuidado para não forçar a mão e tentar transformar em jornalismo aquilo que não é. (AMARAL, 2006, p. 67).

A história da imprensa popular brasileira está marcada por jornais cujas características e importância os destacaram, como o Notícias Populares⁸ (NP) e Última Hora⁹ (UH), ambos criados com foco nos interesses políticos da época, conforme relata Amaral (2006, p. 24)

Tanto o UH como o NP nasceram para defender a posição política dos seus donos. O UH era francamente favorável a Getúlio Vargas. Já o NP foi criado por líderes da União Democrática Nacional (UDN), com os mesmos

⁷ O termo é utilizado no jornalismo quando a notícia possui características extraordinárias, bizarras ou até mesmo irreais, é uma marca do jornalismo sensacionalista e sensacionalista.

⁸ Jornal com rodagem diária lançado em São Paulo em 15 de outubro de 1963, e extinto em janeiro de 2001. A edição de apresentação do jornal assim o definia: “São Paulo tem a partir de hoje mais um jornal... Não procure nestas páginas intenções políticas. Isto o cansaria sem resultado. Outro intuito não há, se não o de dar a V. a visão cotidiana de São Paulo, do Brasil, do mundo em que vivemos.” Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noticias-populares>. Acesso em 20/09/2019.

⁹ Fundada por Samuel Wainer em 12 de junho de 1951, no Rio de Janeiro, a rede de jornais populares e trabalhistas Última Hora chegou a Porto Alegre, com edição local, em 6 de maio de 1960. Sua circulação foi encerrada em 1964 para criação do jornal Zero Hora. Disponível em: <http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/fecha-ultima-hora-e-nasce-zero-hora-em-1964/>. Acesso em 20/09/2019.

ingredientes do UH (fórmula sexo - crime - sindicato), menos a política tradicional.

No ano de 1998, surgiu, no mercado, o Jornal Extra, no Rio de Janeiro, com a proposta de um jornalismo também voltado para o segmento popular. Mas, diferente do NP e UH que possuíam forte cunho político e apelativo, o Extra valoriza a informação, conforme Amaral (2006) discorre sobre este posicionamento

O Extra tem por princípio fazer um jornalismo com os mesmos fundamentos dos jornais de referência, apenas com uma mudança de linguagem, mais simples e didática. Entretanto, a prática é diferente. Pois o jornal privilegia a cobertura de esporte, polícia, lazer (focofocas) e serviço, temas que o diferenciam dos jornais de referência. (AMARAL, 2006, p.37).

Um produto jornalístico que tem proposta semelhante é o jornal Diário Gaúcho (DG), objeto de estudo desta pesquisa, pois também possui características que se confundem com as do jornalismo sensacionalista supracitado no subcapítulo 2.2.2, que vai desde o uso apelativo da emoção, espetacularização e forte proximidade da informação com o entretenimento, porém não se caracteriza como tal conforme afirma a Amaral (2006)

Foge do sensacionalismo comum, mas incorre na espetacularização; pretende informar o leitor, mas as informações muitas vezes ficam circunscritas ao campo do entretenimento e dos problemas vividos no cotidiano pelo leitor. (AMARAL, 2006, p.83)

Ela ainda disserta que “[...] se o sensacionalismo policial e sanguinolento está em baixa, a espetacularização, a mistura entre informação e entretenimento ainda são frequentes”. Através das colocações de Marques (2003), é possível compreender que há uma característica própria como se vê abaixo:

Emoção - o texto jornalístico deve registrar a emoção nos eventos que notícia e transmiti-la ao leitor. Mas o jornalista não deve se deixar envolver pela emoção no desempenho do seu trabalho. O jornalista também deve impedir, ao registrar a emoção do fato, que seu texto se torne choroso, triunfalista, eufórico ou piegas. A emoção deve ser registrada sem que o texto se torne por si mesmo, emotivo. (MARQUES, 2003, p. 14)

Característica do jornalismo popular e, por consequência do jornal Diário Gaúcho, é a forte presença da emoção como alavanca de venda, conforme afirma Amaral (2006), a função do jornalismo popular é “fazer sentir”

A imprensa popular cria um modo próprio de lidar com os conceitos de verdade, realidade e credibilidade. Se a função do jornal é “fazer saber” e “fazer crer”, na imprensa popular “fazer sentir” passa também a ser uma das atribuições do jornal, mas não somente no sentido de produzir sensações e qualquer custo, mas com a intenção de seduzir o leitor com base na noção de pertencimento social. (AMARAL, 2006, p.59).

Além disso, outro atributo desta imprensa é a valorização da proximidade, seja ela realizada através do conteúdo, pelo personagem ou até mesmo pela linguagem. Ao perceber, por exemplo, que o produto jornalístico possui uma linguagem compatível com aquela que o leitor tem familiaridade, e, então se estabelece um laço de proximidade.

2.3 JORNALISMO POPULAR NA ATUALIDADE: DIÁRIO GAÚCHO

Criado em 17 de abril de 2000, o jornal Diário Gaúcho trouxe consigo admiradores e críticos. A polêmica se deve aos que o consideram assistencialista e populista, no tom de entretenimento mesmo em “[...] debates nacionais importantes [...]” conforme afirma Amaral (2006). Antes de seu lançamento, o público foi convidado a participar da escolha do nome do jornal, a premiação: um carro zero. O concurso para eleger um nome para o periódico teve mais de 500 mil votos. Com publicações diárias de segunda a sábado, o leitor poderia adquirir um Diário Gaúcho pelo valor de 0,25 centavos nas bancas de revistas, bazares, mini mercados e jornaleiros. Atualmente, o jornal custa 1,50 e segue o mesmo processo de vendas nas bancas, sem assinantes.

Sua grande popularidade ficou atestada após dois meses de circulação quando o IVC¹⁰ levantou que, a circulação do DG havia praticamente dobrado de 95 mil exemplares para 180.337 exemplares (AMARAL, 2006). Na pesquisa realizada em 2018, os índices colocam o Diário Gaúcho como o jornal com mais circulação na região metropolitana ficando à frente do próprio “irmão” Zero Hora (carro chefe do Grupo RBS), conforme o quadro abaixo.

Quadro 3 - Índice de circulação dos jornais entre 2017 e 2018

¹⁰ Instituto Verificador de Circulação, primeiro semestre de 2018.

IVC IMPRESSO		
	DEZ/2017	DEZ/2018
Diário Gaúcho	121.527	105.870
Zero Hora	100.979	87.994
Correio do Povo	74.482	68.910

Apesar de o jornal Zero Hora já contar com grande número de leitores digitais, DG segue insistindo no formato impresso, como informou a repórter Aline Custódio em entrevista à autora desta monografia. Na opinião da repórter (neste caso traduzindo uma avaliação pessoal apenas), a RBS não investe no DG digital para não atrapalhar a migração que promove para GaúchaZH e também porque não tem ainda uma fórmula para tornar rentável o DG digital. As matérias mais lidas pelos leitores do DG, de acordo com pesquisa realizada pela Marplan e citada por Amaral (2006, p.80) são: “[...] As temáticas mais lidas pelos leitores do DG envolvem Divertimento (82%), Local (80%), Policial (78%), Classificados (66%), Esporte (63%) Nacional (54%), Economia (42%) e Editorial (37%).”

Dezenove anos após o seu lançamento, o DG se manteve em formato tabloide, naturalmente passou por atualizações gráficas, sem que a essência da identidade visual fosse alterada. Segue fidelizando leitores com promoções do *Junte & Ganhe*, a famosa seção do *Clube dos Corações Solitários*, espaço que ajuda leitores com dificuldades para encontrar o par ideal, bem como as seções que promovem as resoluções dos dilemas sociais vividos pelos leitores.

O DG também é marcado por suas matérias didáticas, que procuram redigir a redação da notícia de forma clara e compreensível, se propõe a interagir com o público desde seu primeiro exemplar sendo “[...] barato, completo e digno, com linguagem clara e fácil [...]” como relata Amaral (2006, p. 80). Para a autora (2006, p.12), “[...] é tarefa do jornalista informar setores mais amplos da população e, por isso, não é recomendável ficar circunscrito a uma única forma de fazer jornalismo.[...]”, o que é positivo, pois o jornal que é destinado a uma família de baixa renda (R\$ 1.200 ao mês) composta por pai, mãe e filhos entre 8 e 12 anos, segundo

Amaral (2006, p.12), preocupa-se “[...] com segurança, educação, moral, abuso sexual, diversão barata e médico acessível”.

Além disso, Márcia Amaral considera que, “uma imprensa popular de qualidade só é viável se conseguir desenvolver um tipo de jornalismo ético que aperfeiçoe suas técnicas de comunicação com o leitor popular sem ficar refém dos requisitos do mercado” (2006, p.12). Ainda sobre a equidade do jornal, Amaral (2006, p.59) argumenta que o leitor lê jornal não somente para saber o que está acontecendo

mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que “todo mundo fala”. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa de também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo.

O jornal possui um posicionamento que coloca o leitor como centro das atenções, ao propor a realização de seus anseios com a coluna *Meu Sonho É*, que proporciona ao leitor a possibilidade de revelar alguns ideais pessoais. Na capa, o impresso traz informações como o resultado do futebol, investigação da qualidade dos terminais públicos, mobilizações em prol de bairros, entre outros assuntos expostos sempre com muita imagem, por vezes, grandes fotos e, com frequência, fotos de mulher, a maioria artista ou celebridade. As chamadas das notícias dividem espaço em meio a fotos e destaques menores.

Não há um padrão de relevância para os destaques da capa. Há sim, uma padronização tipográfica da família das sem serifa, entretanto, os quadros das chamadas ganham personalidade na alteração das cores de cada um. Um exemplo disto é a capa do dia 19 de setembro de 2019 que está claramente dividida em quatro partes: na esquerda superior está o logotipo do jornal e demais selos promocionais; na direita superior, a chamada “*As diferentes*” e uma foto de três atrizes e seus diferentes vestidos de noiva; na esquerda inferior está a manchete do dia “*Em 4 meses, Alvorada tem de abrir UPA*”, aplicada sobre a foto e, na parte inferior direita, outra foto junto com o título “*Dia para demonstrar o amor pela tradição*”.

Figura 2 - Capa



Fonte: Diário Gaúcho (2019)

Nas páginas internas, estão seções como *A Vida da Gente*, que trata de assuntos da região metropolitana, a coluna do radialista *Gugu Streit* que procura promover auxílio a quem precisa, na mesma linha do trabalho que ele realiza na Rádio Farroupilha. Diferente dos chamados jornais de referência, os populares como o DG não apresentam editorias mais conhecidas como Economia, Cidade, Política, Geral. Na editoria de futebol, por exemplo, é ocupada pela *Dupla Gre-Nal* em destaque, junto com os demais times dos campeonatos.

O DG organiza seus assuntos se valendo bastante de colunistas e de seções como *Seu Problema É Nosso*, quadro usado para dar suporte e buscar soluções nos problemas que os bairros menos assistidos enfrentam. Nesta mesma página, divulga os canais de comunicação com o público (atendimento ao leitor). Outra seção é dedicada à orientação sexual e o nome não deixa dúvidas: *Falando de Sexo*.

Figura 3 - Seção Falando de Sexo

FALANDO DE SEXO
Andréa Alves e Lúcia Pesca
falandodesexo@diariogaucha.com.br

@ DÚVIDAS DOS LEITORES

Fiquei com um menino, mas não transamos. Porém, ele colocou o dedo na minha vagina, e eu tive um sangramento, mas bem pouco. Quero saber se ainda sou virgem.

É possível perder a virgindade sem transar?

Querida leitora, a primeira relação sexual pode causar estranheza para os dois envolvidos. Por isso, o garoto deve ter ficado ansioso e não ter conseguido uma ereção. Isso ocorre com frequência e é normal. Interessante notar que, mesmo ele tendo uma tentativa de transar frustrada, não se esqueceu de você e continuou estimulando-a com a mão. Provavelmente, vocês não têm experiência sexual, o que fez com que ele a penetrasse com os dedos, já que sabe de sua virgindade. Pode ter ocorrido um rompido parcial do hímen: por isso, houve o sangramento. Outra possibilidade é o toque ter sido feito de forma desajeitada e, assim, ter machucado os pequenos lábios (vulva).

Exame

Você só terá certeza do que realmente houve em um exame ginecológico.

No consultório médico, será feita uma avaliação do seu tipo de hímen sem que seja necessário qualquer exame interno. O hímen é visível. Embora não seja possível avaliar a elasticidade visualmente, é possível verificar o seu formato. Então, procure um médico e relate exatamente o que ocorreu. Conte ao profissional sobre a sua dúvida, porque só ele poderá ajudá-la precisamente.

Fonte: Diário Gaúcho (2019)

O modo como a sexóloga Andréa Alves e a psicóloga Lúcia Pesca respondem à pergunta da leitora demonstra o cuidado e a responsabilidade com a informação que a redação do jornal possui, ao lidar com uma pergunta em que a resposta que seria de conhecimento geral. Amaral (2006) lembra disso ao discorrer sobre a grande tendência do DG de buscar proximidade com o povo; geralmente as principais pautas são sobre “atendimento à saúde, trabalho e segurança pública”.

O posicionamento indica compromisso com o público leitor, o que permite que o jornal estreite relações com o consumidor do conteúdo produzido diariamente de forma assistencialista, na visão da autora. Além disso, este tipo de matéria estabelece certa dependência do público para com o jornal, o qual se compromete responder as perguntas do leitor, por entender que há uma ausência do poder público no que tange à educação sexual, discorre a autora

A maior parte dos jornais de segmento popular constrói um leitor dependente de seu assistencialismo e atraído pelo fato de ver seu rosto e sua fala publicados no jornal. Os jornais imaginam que o leitor gosta de se ver, contar suas histórias e as injustiças cometidas contra si, mas é alguém a quem os assuntos públicos e coletivos só importam enquanto estiverem concretamente relacionados ao seu quintal. Baseiam-se na idéia de que o público precisa de muita prestação de serviço, entretenimento e

intermediação com o poder público, mas nada que ultrapasse muito a visão doméstica do mundo. (AMARAL, 2006, p.62).

No rodapé da contracapa, o jornal exhibe a distribuição semanal das seções que não são diárias. No mês de setembro, por exemplo, a contracapa do jornal circulou com a seguinte organização:

- Segunda: Piquetchê do DG;
- Terça: Estrelas da Periferia;
- Quarta: Receita do Leitor;
- Quinta: 92 Mais Mulher
- Sexta: Lá em Casa;
- Sábado/Domingo: Guri de Uruguaiana.

Com isso, é possível perceber que o foco principal do Diário Gaúcho é oferecer serviços de orientação ao leitor. Seja como público final do produto, seja por pautas ou até mesmo quando este é fonte ou personagem das notícias ou das matérias que relatam problemas. O jornal valoriza a constante presença do público para ilustrar suas próprias histórias, dificuldades e conquistas. Neste contexto, os personagens ajudam na aproximação com o público, estabelecendo uma relação mais humanizada, assim como o diálogo do repórter frente a frente com suas fontes cria um patamar diferenciado na relação entre eles.

3 O REPÓRTER E AS FONTES NO JORNALISMO POPULAR

Nas histórias em quadrinhos, a repórter *Lois Lane* faz dupla jornalística com, *Clark Kent*, (*Superman*¹¹, que usa este disfarce para estar sempre à frente dos acontecimentos, assim como um bom repórter que está sempre “farejando” a notícia) e vivendo as mais mirabolantes aventuras. O jornalista é alguém preparado eticamente para abordar qualquer assunto, seja um crime ou um nascimento, e é possível dizer que há uma certa poesia na forma como são relatados muitos assuntos difíceis de serem tratados, como por exemplo, matérias em que o repórter se apropria de recursos da escrita literária para poder expressar todo o sentimento (seja de emoção, raiva, dor ou alegria) que a história a ser contada necessita.

Marcondes Filho (2014, p.200), em sua obra *Dicionário da Comunicação*, define a palavra “fonte” observando que advém de duas vertentes, a primeira refere-se àquilo que origina ou que produz, a segunda faz alusão a alguém que pode ser uma informação documental. Ao discorrer sobre o fonte, o autor reitera que fonte é a pessoa que o jornalista observa e/ou entrevista.

Neste capítulo é relevante tratar da fonte, não apenas como a pessoa que possui informações importantes, mas também como um indivíduo que pode originar e pautar o conteúdo jornalístico. É necessário identificá-las para que seja possível, compreendê-las. O mesmo cuidado se aplica ao repórter, pessoa de carne e osso, que não possui super poderes, mas que tendo empatia, consegue além de informações até mudar a vida das pessoas.

3.1 FONTES: OFICIAL x POPULAR

Fonte oficial é aquela que está diretamente ligada a uma instituição, organização, ou governo. Como o presidente da República, ministros, governadores, secretários de estado, prefeitos, secretários municipais e também os assessores

¹¹ Superman: surgiu pela primeira vez na revista Action Comics #1 em 1938, nos Estados Unidos. Na história, Kal-El nasceu no planeta fictício de Krypton. E por causa da destruição do seu planeta foi mandado à terra. Atualmente quem detém os direitos do personagem é a DC Comics.

destas autoridades, por exemplo o assessor de comunicação da presidência da república, que está apto a dar declarações pelo presidente e até desfazer mal entendidos em pronunciamentos anteriores. As fontes estão presentes nas entrevistas porque ratificam informações coletadas pelo repórter, tirando do jornalista a responsabilidade do que é dito, seja grave ou não. É importante lembrarmos que o repórter é um porta-voz da sociedade, e por isso, não é prudente sair fazendo afirmações. Essa formalidade, se assim podemos chamar, está presente inclusive nas redações jornalísticas conforme elucida Amaral

Em geral, quem fala no jornalismo de referência são os jornalistas, editorialistas, colunistas e fontes oficiais, pois representam instituições de poder, exercem certo controle e têm determinadas responsabilidades. (AMARAL, 2006, p.56).

As fontes oficiais geralmente possuem um intuito em pronunciar-se, pois estão a frente como porta-vozes de uma organização, conforme Amaral (2000, p.56) ao afirmar que as fontes oficiais “[...] com frequência, estão profissional e estrategicamente organizados para defender seus interesses.” Presentes em todo o tipo de jornalismo, como marca do jornalismo de referência, que predominantemente recorre a diversas fontes oficiais para tratar de um mesmo assunto, é relevante ressaltar que, em uma mesma matéria, pode ter mais de uma fonte oficial, e que estas podem ser especialistas ou profissionais de uma área específica. O que define uma fonte oficial é ser perito em um assunto, do qual nem toda a pessoa comum possua conhecimento. Amaral (2000, p. 56) comenta que “[...] quem não exerce poder na sociedade, não tem representatividade econômica não tem voz na notícia, a menos que suas ações produzam efeitos negativos”

Normalmente, os jornalistas entrevistam fontes oficiais e especializadas; as fontes populares são consultadas apenas quando são testemunhas de algum fato trágico. As fontes oficiais são mais procuradas porque supostamente têm o compromisso de informar de forma correta, guardam informações interessantes e têm legitimidade para falar a sociedade. (AMARAL, 2006, p.56).

Ainda assim, tanto no jornalismo de referência como no jornalismo popular, continua sendo papel do repórter filtrar tais informações, selecionar as que melhores se adequam a matéria conforme Lage (2008, p. 61), em sua obra *A Reportagem*

explana que “do ponto de vista da pessoa que presta uma informação, a relevância é aferida com base naquilo que ela acha que é ou deve ser relevante ao ouvinte”. Existem também, dois tipos de fontes oficiais, aquelas que querem “proteger” uma informação, e assim aceitam apenas falar aquilo que lhes convêm, e as fontes oficiais que possuem um único objetivo: falar nada mais que a “sua” verdade.

Na década de 1970, um caso que movimentou os Estados Unidos foi a suspeita de desvio de verba nas eleições presidenciais que elegeram Nixon¹² como presidente. O escândalo deu origem ao livro e posteriormente ao filme “Todos os Homens do Presidente”, que conta o caso Watergate, apurado por dois jornalistas do jornal *The Washington Post* Carl Bernstein e Bob Woodward. A dupla recebia informações de uma fonte anônima¹³ intitulada Garganta Profunda¹⁴, que era totalmente sigilosa. Este era o segundo homem mais importante do FBI e o responsável por direcionar os jornalistas apenas com indicativos e sem afirmações sobre aquilo que sabia. As pistas vinham de forma truncada, e através da perspicácia de Bob e Carl em confirmar com outras fontes os indícios de “Garganta Profunda”, o desfecho acabou pressionando Nixon a renunciar o cargo. Somente 33 anos após o caso, a fonte foi revelada: era W.Mark Felt. São diversas as formas

¹² Richard Nixon foi o 37º presidente dos Estados Unidos da América, permaneceu no governo de 1969 a 1974. Com o caso Watergate, Nixon marcou a história dos EUA como o 1º presidente que renunciou seu cargo; em 08 de agosto de 1974.

¹³ A imprensa americana distingue as informações vindas das fontes em quatro níveis: *on the record*, *off the record*, *on background* e *on deep background*. Usa-se a primeira expressão para informações oficiais em que a fonte é identificada e sua fala pode ser citada entre aspas, indicando quais foram exatamente as palavras empregadas por ela na conversa com o jornalista. *Off the record* diz respeito a informações que não podem ser usadas para publicação. Informações *on background* ou *for background* são informações de bastidor que podem ser publicadas, dependendo de acordo com a fonte, que muitas vezes pede que não seja identificada, mas pode permitir que seu cargo ou sua função sejam mencionados. *On deep background* é informação de sigilo ou bastidor profundo, que pode ser usada, mas sem atribuição. A fonte, nesses casos, não é identificada de nenhuma forma. No Brasil, de modo geral, usam-se apenas as noções de *on the record* (oficial) e *off the record* (não oficial ou sem registro). O Manual da Redação da *Folha* define três tipos de *off*: *off* simples (obtido pelo jornalista e não cruzado com outras fontes), *off* checado (informação *off* cruzada com o outro lado ou com pelo menos duas outras fontes independentes) e *off* total (informação que, a pedido da fonte, não pode ser publicada, mas que é útil para orientar o trabalho de apuração jornalística). [N.E.] Extraído do portal Editora Três Estrelas, Disponível em: <http://editora3estrelas.com.br/primeiraleitura/82414-o-garganta-profunda.shtml>

¹⁴ W.Mark Felt, segundo homem mais importante no comando do FBI durante o governo Nixon, afirmou à revista *Vanity Fair* que ele seria o “Garganta Profunda”, que deu a Bob Woodward e Carl Bernstein as informações que guiaram sua apuração *Watergate* e levaram Nixon à renúncia, em 1974. Disponível em: Portal Abraji: <https://abraji.org.br/noticias/ex-diretor-do-fbi-era-o-garganta-profunda-confirmam-woodward-e-bernsteyn>.

como as pessoas fornecem informações aos meios de comunicação, o que resulta em diferentes agrupamentos das fontes

A classificação das fontes por tipos está vinculada à perspectiva e ao interesse, percebe Pinto (2000), que tipifica as fontes segundo a natureza (pessoais ou documentais), origem (pública ou privada), duração (esporádicas ou permanentes), âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais), grau de envolvimento nos fatos (primárias ou secundárias), atitude face ao jornalista (ativa ou passiva), identificação (explicitadas ou confidenciais) e segundo a metodologia ou estratégia de atuação (proativas ou reativas). Este esquema mostra-se bipolar, enquanto uma fonte não é “isso ou aquilo”, mas sim uma identidade complexa. (PINTO, 2000 *apud* SCHMITZ, 2011, p.4)

Por isso, é relevante lembrar que nem sempre é possível classificar em que tipo de fonte o informante se enquadra. Deste modo, como observado anteriormente, a fonte popular possui certa vaidade, quando se trata de ilustrar uma matéria “individualizando” o acontecimento e personificando-o com a mazela daquele personagem. Há um motivo para agir dessa forma, o personagem popular, quer se sentir parte da construção da sociedade em que está inserido. Muito dessa ideia de pertencimento, existe pelo exercício diário que o jornal realiza com os leitores; quando o convida a participar nas sugestões das pautas ou quando lhe dá espaço para falar o que pensa, e então toca-se num ponto bem importante, a adesão ao jornal se dá não apenas pela sede de leitura, mas pelo fato de o leitor se ver ilustrando uma história, que por vezes é contada de forma singular.

As pessoas lêem jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que “todo mundo fala”. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa de também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo. (AMARAL, 2006, p.59).

No início do século XX, há a introdução da fonte devido à demanda que a própria sociedade impôs ao buscar jornalismo de credibilidade que existe quando a informação trazida pelo repórter é endossada por um terceiro, através da sua menção, vivência ou experiência de vida sobre o fato, e assim, agrega valor à matéria. Nilson Lage (2008, p. 49) comenta que antes disso os jornalistas eram posicionados em “[...] portos, aeroportos e estações ferroviárias para entrevistar

quem chegava da europa ou da américa do norte [...]” com informações, isso ocorria porque não existia uma noção clara de formas de entrevistar, visto que os primeiros jornalistas eram escritores, que cunhavam seus próprios pensamentos e os publicavam. Para Schlesinger (1992 apud SCHMITZ, 2010, p. 5) o “saber do jornalismo” também é construído pela fonte.

Neste mesmo caminho, compreende-se que o leitor, quando passa a ser uma fonte, ou a pautar o jornal, é porque atingiu um nível crítico de sociedade. De posse do sentimento de pertencimento, esse leitor passa a desejar que as ruas esburacadas deem lugar a um asfalto ou calçamento digno, que seu ônibus passe mais de uma vez num intervalo de uma hora, porque compreende que isso é o mínimo do que sua rua, sua comunidade necessita.

3.2 O LEITOR PARTICIPANTE

Os jornais populares possuem, como dissertado anteriormente, características que costumam valorizar de forma clara o público ao qual é destinado. Isso se dá pelo seu formato menos formal, que possibilita olhar o leitor como contribuinte na construção da notícia e não apenas como um consumidor final, que geralmente atua de forma passiva, se limitando à leitura.

No Diário Gaúcho não é diferente, existem muitos locais de fala previstos para o leitor, que tem passe livre na contribuição das pautas no jornal em seções como *Seu Problema é Nosso*, *Cadê Você?*, *Receita do Leitor*, *Meu Sonho É*, *#eunoDG* e o *Clube dos Corações Solitários*; geralmente os leitores que contribuem são aqueles que possuem uma necessidade de se fazer ouvir

Para além do peso específico que essas "expressões" do popular podem assumir em cada situação nacional, o decisivo é o assinalamento do sentido que elas adquirem: são as massas tornando-se socialmente visíveis, "configurando sua fome de ascensão a uma visibilidade que lhes confira um espaço social". (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.267)

Essa relação também é baseada no interesse de que as demandas (do repórter e da fonte) sejam vistas, ouvidas ou lidas; conforme explana Medina (1996)

que uma relação horizontal entre a fonte e o jornalista é sempre uma relação de ganhos

É na verticalização do momento de relação que se pode criar outro resultado simbólico, este sim, tarefa impossível para o computador. A entrevista como instrumento de relação pode se esgotar na objetividade de perguntas feitas e respostas empostadas ou pode ingressar na aventura da objetividade, um processo de interação social criadora. [...] Conhecer uma pessoa, seja ela anônima ou nomeada pelo prestígio, poder ou saber, representa sempre para o aprendiz de humanidade; que, por acaso, pode ser um mediador social; um ensaio fascinante de ensino-aprendizagem. (MEDINA, 1996, p. 223)

O DG, possui essa característica horizontal, bem como a apropriação da fala regionalizadas, o que por vezes permite um maior estreitamento de laços. Uma característica peculiar, uma vez que o jornal alcança tanto o leitor de periferia da capital gaúcha, como da região metropolitana, de modo que atenda a demanda daquela cultura de uma classe social específica. Tolstoi¹⁵ discorre sobre isso ao lembrar que a universalidade começa de dentro para fora com a frase “[...] se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia [...]”, com isso é possível entender como o Diário Gaúcho consegue atender as expectativas do público, o DG procura aproximar-se do seu leitor. A prova disto está nas páginas do impresso, e este movimento de prestação de serviço até contribui para que o público entenda seu papel em sociedade, mas essa consciência é despertada em poucos, conforme discorre Amaral

A prestação de serviços, em alguns casos, pode até auxiliar determinados leitores do **DG** a entenderem o caminho para exercer sua cidadania em algum momento específico, mas o jornal como um todo não responde a essa lógica. (AMARAL, 2004, p. 186).

Para contribuir com as pautas, ou até mesmo ser uma, o leitor pode fazer contato com o jornal através de diversas plataformas de atendimento ao leitor, seja pelo telefone, e-mail, correios, *facebook*, *instagram*, *WhatsApp*. É possível identificar que o leitor percebe o jornal como um recurso de auxílio rápido. A livre abertura para recorrer e contribuir permite que leitores como Jorge Luciano Passos, 43 anos, que depende do Sistema Único de Saúde (SUS) para agendamento de exames e marcações de consultas necessárias em razão de dois AVCs (Acidente Vascular

¹⁵ Liev Tolstoi (1828-1910), escritor russo pensador social e moral do seu tempo.

Cerebral) que sofreu entre 2014 e 2017, exponha seu caso em mais de uma oportunidade.

A seção *Seu Problema É Nosso* desdobra mais um episódio da epopéia de Jorge para conseguir ser atendido pelo SUS. Desde abril de 2017, seu drama começou a ser relatado no com a dificuldade de retirar medicações durante dois meses. Ele conseguiu retirar a medicação somente após a veiculação de sua história no Diário Gaúcho e passados quatro meses de espera. No ano seguinte, em junho de 2018, ele mais uma vez recorre ao jornal para vencer nova dificuldade, a espera há um ano por consulta médica. “[...] Depois que saiu a matéria, ligeirinho me chamaram [...]” comenta Jorge. Em 2019, continuando a trilogia do drama vivido pelo leitor, nova abordagem na edição de 04 de setembro de 2019 com a chamada *Mais de um ano a espera de exame*.

Figura 4 - Seção Seu Problema é Nosso



Fonte: Diário Gaúcho (2019).

Nesta ocasião, o leitor diz e o jornal (vaidoso) publica: “[...]O Diário Gaúcho é a minha última esperança [...]”, isso porque há uma relação de confiança estabelecida desde o início, quando o jornal se dispôs a auxiliá-lo, e deu certo. Quando Jorge não consegue da maneira esperada, através do canal de atendimento

ao paciente do SUS, ele recorre ao jornal que revestido de “responsabilidade” cobra a prestação do serviço.

Neste caso, há transferência de responsabilidade, se o sistema de saúde pública funcionasse corretamente, não seria necessária a interpelação da imprensa. Amaral dá outro exemplo do que ocorre dentro das redações

A imprensa acaba substituindo o poder público em muitos momentos. Antes mesmo de ligar para os órgãos públicos para resolver seus problemas ou para fazer reclamações, muitos leitores ligam para os jornais ou emissoras de rádio e televisão. (AMARAL, 2006, p.62)

A relação é baseada na troca entre o repórter e a fonte/leitor, esse último se sente grato pela assistência recebida pela publicação da matéria jornalística. O repórter não pode ser percebido como alguém que está ali apenas para extrair informações e nunca mais voltar, mas sim como alguém que oferece uma escuta ou até uma esperança de resolução da situação que motivou esse encontro.

Este comportamento pode ser justificado devido ao estreitamento de laço entre a fonte e o veículo, o leitor participa porque se sente à vontade para contribuir, e porque se sente parte desse jornal que o acompanha diariamente. Tudo isso é possível porque há um mediador entre fonte/leitor e jornal. O repórter tem papel fundamental no sucesso do jornal, é a linha de frente, é quem dá significado à existência do jornal, e sua dedicação e desprendimento promovem uma relação que ultrapassa o nicho empresarial.

3.3 A REPÓRTER ALINE CUSTÓDIO E SUAS FONTES

A relação do repórter com suas fontes deve ser baseada na confiança e também deve ser humanizada, principalmente, quando se trata de jornalismo popular. O jornalista deve ter uma visão geral dos assuntos mais cotidianos e corriqueiros possíveis (AMARAL, 2006). Além disso é papel do jornalista entregar numa matéria não apenas o objetivo, mas também o subjetivo, aquilo que não se vê, conforme discorrem os autores abaixo:

O fazer jornalístico busca versões verdadeiras e não, necessariamente, *produz* a verdade, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo. (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 171)

E, ainda, “[...] na procura da essência dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos* para proporcionar ao público, mas que a explicação, a *compreensão* das ações humanas [...]”. Em entrevista concedida a esta proponente, a jornalista Aline, e relata que a relação entre as fontes do interior e as fontes populares da região metropolitana possuem poucas diferenças

[...] no interior era assim sabe, eles confiam demais, eu ligava para o delegado a hora que eu quisesse, pra agente funerário a hora que eu quisesse e eles me atendiam. [...] E realmente, é uma vida totalmente diferente, porque as pessoas, o leitor do DG, ele realmente idolatra (o repórter). Não deveria, e com o passar do tempo eu aprendi que a gente não é herói e a gente é só um repórter, um ser humano. Mas eu só aprendi isso no mestrado. Quando eu fiz o mestrado, eu entendi que a gente não é (super-herói).(CUSTÓDIO, 2019)

Para Custódio (2019), é nas periferias que se encontram as melhores pessoas para contar uma boa história “lá estão as melhores pessoas”. Custódio (2019) também afirma que durante a estadia no DG fez muitos vínculos, mas deixa claro que sua relação, embora humanizada é estritamente profissional

nesse tempo eu criei muitos vínculos, vamos dizer assim “amigos”. Não que eu vá visitá-los na casa deles, eles me convidam pra um churrasco no domingo, me convidam para aniversário, pra batizado, mas eu não vou, porque eu tento manter esse distanciamento. E eu digo pra eles eu sou a repórter que to fazendo a matéria.

Ela explica que é necessário, por vezes, colocar limites nessa relação, apesar de dar a atenção merecida para cada pessoa que entra em contato, comenta que foi necessário colocar no seu whatsapp um ‘lembrete’ de que não faz jornada integral com a seguinte mensagem “[...] entre 22h e 8h eu costumo ficar longe do whatsapp [...]”. No período em que morou no Rio de Janeiro entre o ano de 2011 à 2012, algumas pessoas ainda mantinham contato com ela, a Dona Almerinda, uma de suas fontes por vezes entrava em contato. Pela ótica de Custódio (2019), as fontes

populares são todas aquelas que não estão “[...] ligadas a prefeitura, ao governo do estado a órgãos oficiais” e ainda que “qualquer pessoa pode ser uma fonte, não está ligado ao ‘cara’ da vila [...]”.

O repórter também está sujeito a erros, a jornalista comenta que numa entrevista *in loco* no ano de 2009, a casa da fonte tinha o assoalho de madeira podre, a matéria fora publicada com este termo. Entretanto esta descrição constrangeu quem vivia naquela casa, Custódio (2019) relata que quando a fonte leu a matéria, deu este retorno para ela “[...] você não pode dizer que a minha casa é podre porque é a única casa que eu posso dar pros meus filhos [...]” . Desde este dia, a repórter relata não ter se apropriado de termos que possam ser ofensivos, seu gesto numa tentativa de ajuda causou constrangimento por parte da fonte.

Para além do relacionamento profissional entre fonte e repórter, a relação humanizada entre locutor e interlocutor permite estabelecer uma proximidade com base na confiança , na compreensão do outro como indivíduo e que, é possível perceber que nesta ligação existem mais ganhos do que perdas, torna o trabalho jornalístico mais leve e recompensador.

4 AS FONTES E O REPÓRTER NO DIÁRIO GAÚCHO

Embora seja bastante óbvio que o repórter é importante dentro do jornalismo, cabe observar como isso acontece no cotidiano de um veículo de comunicação de cunho popular como o Diário Gaúcho. A figura do repórter aqui representado pela jornalista Aline Custódio, 42 anos, é o objeto de estudo de caso desta pesquisa, e com sua colaboração, através de entrevista realizada, pretende-se, ressaltar a importância do repórter para a construção de uma matéria humanizada, bem como sua relação com a fonte/leitor.

Com as metodologias escolhidas, se quer comprovar que uma relação baseada na confiança e no respeito pode trazer benefícios espontâneos para o veículo, para o repórter e para a fonte. A partir do estudo de caso único atrelado à uma breve análise das matérias publicadas espera-se constatar que o posicionamento tomado pela repórter permite que a espontaneidade da fonte perdure, e que ela se mantenha como uma informante.

4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa escolhida pela proponente é a pesquisa exploratória que, conforme Gil (2007), combina a pesquisa bibliográfica (já realizada nos capítulos 2 e 3), um relatório da entrevista e o estudo de caso único de abordagem qualitativa a fim de corroborar os problemas de pesquisa supracitados anteriormente. Entre eles: validar a importância do repórter como peça fundamental na construção bem sucedida do veículo popular, neste caso, um jornal impresso: o Diário Gaúcho. Bem como os benefícios profissionais e sociais de um jornalismo realizado de forma humanizada, desde a tratativas com a fonte, a entrevista, a realização da matéria.

Deste modo, o estudo é de um caso único, que segundo Yin (2011), é utilizado quando pretende-se afirmar ou constatar algo, conforme ilustra no quadro abaixo:

Figura 5 - Tipos Básicos de projetos para estudos de casos.

	projetos de caso único	projetos de casos múltiplos
holísticos (unidade única de análise)	TIPO 1	TIPO 3
incorporados (unidades múltiplas de análise)	TIPO 2	TIPO 4

Figura 2.4 Tipos básicos de projetos para os estudos de caso.
FONTE: COSMOS Corporation

Extraído do livro Estudo de caso: Planejamento e métodos.

Como complemento deste estudo foi realizada uma entrevista com a repórter Aline Custódio, um case, que explana sobre suas relações e que afirma: manter este relacionamento vivo possibilita uma fonte fiel e entrosada com o repórter.

4.1.1 Relatório

Este é o relatório da entrevista feita, na data de 12 de agosto de 2019 (ver apêndices), com Aline Custódio, uma jornalista de 42 anos e que há 20 exerce a atividade de repórter no Grupo RBS. O objetivo deste encontro, visto que é personagem deste estudo de caso, é conhecer a forma como a jornalista se relaciona com suas fontes e leitores, que sugerem temas e também buscam a assistência do jornal para resolver seus problemas.

1) Quem são as fontes da repórter:

As fontes de Custódio são as mais diversas, seus contatos estão anotados na agenda pessoal do seu telefone celular, ela menciona alguns nomes:

- a Almerinda Chácara do Banco,
- Maria da Tinga,
- Beto de Santa Rosa,
- seu Édson de Capão da Porteira, “aí tem o número 1, 2 e tem a mulher dele eu tenho o telefone de todo mundo sabe”, comenta.

Seu Édson, é fonte da Custódio há mais de 10 anos, toda vez que ele liga ela o atende, e conversa. O único problema é quando ele liga as duas horas da manhã, por isso colocou em seu *Whatsapp* a seguinte mensagem: “entre 22h e 8h eu costumo ficar longe do whatsapp; Pra pessoa saber que eu durmo em algum momento, eu durmo”. Além dessas fontes, ela recebe muitas sugestões de pautas do professor da PUCRS Édison Hüttner, “aquele que é o caçador de relíquias”. Tudo porque numa primeira matéria realizada com ele, a repórter o entrevistou pessoalmente. Ela acredita que isso fez com que o professor percebesse um tratamento diferente de outras entrevistas que já tinha dado. As anteriores, com outros repórteres, tinham sido por telefone.

2) Relação humanizada:

- Talvez uma das premissas do bom jornalismo: falar pessoalmente com a fonte. Para Custódio, esse primeiro contato é essencial para estabelecer confiança por parte do entrevistado.
- Explicar sobre o que vai ser a matéria. A fonte tem o direito de saber como será empregada a contribuição dela dentro da matéria. Para a repórter, é algo tão importante que ela explica para cada pessoa entrevistada do que se trata a entrevista. Depois de publicada, ela também faz questão de mandar o link da matéria, ou indicar em qual edição vai sair, se vai para tv, para rádio ou on line;
- As fontes populares são gratas pela presença do representante do jornal nas

suas casas, no seu bairro. A repórter relata que “se te oferecem uma água, um café, tem que aceitar porque, para ele, é a coisa mais importante, é um presente que ele pode te dar. Não estão querendo te comprar com isso, nem nada, mas sim te agradecer.”

- Custódio também comenta que não fica reparando se a casa é pobre ou não, se tem porta ou janela, se isso não for importante para matéria. Quando não tem importância para matéria, não deve entrar nela.

3) Ser empático:

A jornalista que escolheu ser contadora das histórias de pessoas reais possui uma tarefa difícil em suas mãos: uma pauta que conta a dura realidade das pessoas invisíveis, que ganham até 70 reais por mês. Custódio conta que havia uma família de quatro pessoas que dividiam um estábulo com o cavalo deles. A única renda da família era 60 reais, e o dinheiro era usado para alimentar o cavalo. “[...] Então, eles dormiam no mesmo ambiente com o cavalo. Tu vai falar com eles e vê que estão com fome: dividiam uma melancia podre que tiraram do lixo, sabe? Como é que eu ia almoçar depois? É de chorar! [...]”

O mesmo aconteceu com a história do bailarino Gabriel, foram quatro horas de entrevista com a família, a repórter conta que quando entrou no carro para voltar à redação chorou copiosamente, era muito triste “o guri não tinha um banheiro pra ir sabe? Era um buraco!”. O jovem também dependia da merenda dada na escola. E quando não tinha, a professora de balé o via desmaiando, e então ele contava que não havia comido o dia inteiro. “[...] E, aí, tu ouve aquilo e tu tem que manter a postura [...]”.

4) Aprendendo com as falhas:

- Em 2009, Custódio escreveu a história do bailarino Gabriel do bairro Mario Quintana, na vila Atênis em Porto Alegre, e constatou que o endereço não existia no mapa. A casa era simples, um casebre de madeira reutilizada muitas vezes. No decorrer da entrevista, a fotógrafa que lhe acompanhava

pisou no assoalho - também de madeira - e afundou o pé, de tão podre que era a madeira.

- A jornalista ficou tocada com tamanho talento do jovem, e com a injusta vida que levava numa casa de dois cômodos em deterioração e sem banheiro. Tomou a escolha de descrever na matéria “na casa de madeira podre”. A intenção era mobilizar algum leitor para ajudá-los a sair daquela situação. A mãe do jovem, ao ler a matéria deu o retorno que Custódio não imaginava. Reclamou que a repórter não deveria expor a qualidade da casa, pois mesmo sendo de madeira podre era a única casa que ela tinha para morar com os filhos.
- A repórter se sentiu culpada, pediu desculpas e, a partir desse episódio, fica atenta e se pergunta: “vou magoar?” “vou ferir?”. Procura se colocar no lugar daquela pessoa ou família retratada.

5) A fonte popular:

- Ao contrário do que pode sugerir o nome “fonte popular”, a repórter compreende que a nomenclatura não está atrelada à uma classe social, ou seja, não tem ligação apenas com a pessoa da periferia. Fonte popular é todo aquele que não tem ligação com órgãos oficiais, como governo federal, estadual ou prefeitura, define. Fonte popular pode ser “o dono do bar, a dona do salão de beleza, o gari que varre a rua lá na Restinga”.
- A repórter reitera que não se deve crer apenas nas informações da fonte, embora sejam as fontes populares a sua primeira opção de escuta. Custódio frisa que é de extrema importância a coleta de dados e informações como órgãos como a prefeitura, por exemplo. A fonte popular dá a direção, mas quem confirma é a oficial.

6) Leitores que sugeriram pautas:

Um caso que a repórter lembra com saudosismo é a história de Dandara, “A bailarina de Alegrete”, pauta indicada pela professora de balé. A professora lia as matérias de Custódio e a guria precisava de ajuda para ir aos EUA, para estudar e fazer balé. Pelo *Facebook*, a professora contactou a jornalista dizendo: “Ah Aline, eu

vejo teu nome sempre no jornal e tu faz matéria sempre com pessoas, personagens simples e eu tenho essa história aqui pra te passar”. Depois da matéria, Dandara conseguiu angariar os recursos que precisava para estudar nos Estados Unidos. Hoje, a jovem é bailarina de uma companhia norte-americana.

7) A diferença entre a fonte popular do DG e a da ZH?

Custódio entende que as diferenças entre as fontes populares do DG com relação às de ZH existe porque, de um lado, estão os assinantes de Zero Hora, do outro, os pagantes unitários do Diário Gaúcho, embora todos paguem pelo jornal. Da mesma forma, ela percebe que o retorno da fonte/leitor dado ao repórter é diferente. Ela acredita que isso se dá por questão da humildade. Conforme suas palavras: “O leitor do DG ou a fonte é uma pessoa que achava que não tinha nenhum tipo de valor, e quando tu chega e olha, eles ficam numa felicidade quando tu chega lá”. Já o de ZH sempre frisa ser assinante do jornal “muitas vezes a pessoa (o leitor assinante) que liga para zero hora diz que é assinante da zero hora. Adora dizer”. Custódio também afirma que a fonte popular de ZH é menos receptiva. Talvez porque este público seja melhor assessorado tanto pela imprensa como pelos órgãos públicos.

4.1.2 Estudo de Caso

O estudo de caso é um método que busca esclarecer e compreender alguns fenômenos da sociedade a partir de uma situação específica. Com relação a esta monografia, busca-se de forma exploratória respostas às perguntas que motivam o estudo, expostas anteriormente. A pesquisa surgiu da vontade da proponente em evidenciar o papel do repórter no meio do trabalho, mais especificamente nas suas relações com as fontes, que são, assim como o repórter, peças fundamentais para a construção de uma matéria de qualidade.

Com base no relatório da entrevista feita com a repórter, mais a pesquisa bibliográfica realizada nos capítulos anteriores, almeja-se verificar como a teoria se aplica à prática, isto é, como resulta na produção das reportagens.

Deste modo são analisadas três reportagens de Custódio (2019):

- 1) A história do bailarino Gabriel, publicada em 22 de agosto de 2009;
- 2) A dura vida de quem sobrevive com renda mensal de até 70,00 reais ao mês na série *Invisíveis*, publicada em 3 de setembro de 2013;
- 3) A história de superação da bailarina Dandara, publicada em 17 de agosto de 2016.

Figura 6 - Três capas do Diário Gaúcho.



Fonte: Diário Gaúcho (2009 a 2016).

4.1.3 As Reportagens

O jornalista é um contador de histórias, todos sabem. Profissionais que constantemente sentem necessidade de desvendar a vida de bons personagens, cada um a seu modo, para Custódio (2019) não é diferente. Suas matérias falam sobre gente comum, que passa trabalho para alcançar seus sonhos, gente que inspira, como os bailarinos Gabriel e Dandara. Mas também revela situações das quais o leitor, por vezes, não conseguiria imaginar sozinho, como é o caso da dura vida das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, como foi retratada na série *Invisíveis* em 2013. Estas histórias como já visto nos capítulos anteriores, aproximam o público do jornal e transmitem um sentimento de identificação; Público leitor que majoritariamente pertence às classes C, D e E, e que por vezes possui

uma vida com poucos luxos e bastante trabalho, ainda assim se mantêm sonhadores.

Para Medina (1996), contar a história, de modo a refletir também a vida do leitor permite aproximação possibilita que o este se sinta representado na matéria. Além disso é de responsabilidade do repórter ser um “mediador social”, de modo a revelar para a sociedade o que ocorre nos locais em que os demais não tem acesso

A humanização das circunstâncias é um dever do mediador social: a circunstância brasileira não pode ser tratada exclusivamente por gráficos, balanços numéricos, no esquematismo das tendências das elites ou das falas fáceis e por demais aleatórias do povo da rua. O perfil humanizado da circunstância exige o encontro profundo com o tônus cultural. (MEDINA, 1996, p. 219)

O que se passa na vida destes três personagens, passa longe da ficção, e tem o mais genuíno significado da palavra vida real. Isto pode ser observado nas três reportagens analisadas a seguir:

Figura 7 - Matéria Sonho de Bailarino.

DIÁRIO GAÚCHO

6 **TALENTO NA PERIFERIA**

Gabriel tira a difi

TEXTO: ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br

FOTOS: CYNTHIA VANZELLA
cynthia.vanzella@diariogaucha.com.br

Ele teria tudo para não dar certo: vive na miséria, repetiu duas vezes o ano na escola por não ter dinheiro para o transporte e, muitas vezes, passa um dia inteiro sem comer. Para piorar ainda mais a situação, mora num casebre de madeira podre e sem banheiro – numa das zonas mais violentas da Capital. Mas nada disso tira de Gabriel

Fernandes, 16 anos, o brilho nos olhos e a determinação de ir além dos próprios limites. Superando todos os preconceitos, inclusive o da mãe, ele conquistou uma bolsa de estudos numa das mais conceituadas escolas de dança do Brasil, o Conservatório Brasileiro de Dança, no Rio (um dos mais conceituados do país). Parece roteiro para um longa-metragem, mas é história real: Gabriel quer ser bailarino.

O balé é o sonho do garoto de Mario Quintana

Cena 1 – A casa de Gabriel

O casebre de duas peças de madeira, sem número, fica num beco da Vila Arenis, Bairro Mario Quintana. Uma lixeira na entrada do beco é a única forma de identificar o endereço de Gabriel. Na moradia comprada pela família por R\$ 400, há sete meses, as frestas nas paredes foram cobertas com plásticos e restos de carpetes. A porta não tem tranças. Todos os móveis do ambiente são uma geladeira que perdeu a cor para a ferrugem, um fogão, um aparelho de televisão do início da década de 80, um armário com as portas quebradas e uma cama de casal. A família utiliza uma piaquete do lado fora da casa para as necessidades fisiológicas.

Cena 4 – Estrada pedregosa

Diferente do que a mãe havia previsto, Gabriel voltou às aulas de dança no ano seguinte. E em todas as dezenas de vezes que ela disse “não”, o menino se sentia mais fortalecido para continuar no curso. A mãe nunca mais o prendeu em casa e, aos poucos, foi compreendendo que Gabriel tinha convicção do que dizia. Mesmo sem calçados ou roupas próprias para as aulas de dança, ele jamais desistiu.

O adolescente, a mãe e o irmão mais novo

Cena 5 – Contornando os caminhos

Como Angélica e os três filhos se moviam constantemente pela Capital, Gabriel acabou repetindo dois anos na escola por faltar as aulas. O motivo: a mãe não tinha dinheiro para o transporte do filho. Mas isso não foi suficiente para desanimá-lo. Pelo contrário, sempre que conseguia o transporte, Gabriel ia mas cedo para frequentar as aulas de dança. Hoje, ele caminha diariamente 6km, de ida e volta, para estudar. Quer chegar à faculdade de dança, é claro. O vale-transporte que ganha do município é usado para as aulas noturnas de balé. – Não precisava do dinheiro da mãe. Só da força dela. Tenho certeza que, se eu fizer tudo com amor, o dinheiro virá de alguma forma.

O casebre de duas peças da família não tem nem banheiro

Cena 2 – O primeiro “não”

Foi aos oito anos, acompanhando uma apresentação de dança de rua e de balé na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ana Iris do Amaral, no Bairro Protásio Alves, que Gabriel descobriu que queria dançar balé. Porém, já enfrentou a primeira dificuldade. – Sempre imaginei que dança era coisa para mulher. Não conseguia ver o meu filho dançando balé – diz a mãe, Angélica Maria Silva da Silva, 37 anos. Temoso, Gabriel passou a mentir diariamente que teria aulas também pela manhã. Angélica não imaginava que o menino havia entrado nas aulas de dança da escola.

Cena 3 – A segunda negativa

Durante seis meses, Gabriel dançou na escola sem os professores imaginarem que a mãe não havia permitido. Porém, na primeira apresentação para os familiares, Angélica descobriu a farsa e, como punição, não deixou o filho participar do espetáculo. O menino passou o Natal e o Réveillon frustrado, mas pensando como faria no ano seguinte para retomar o que já tinha se tomado uma paixão. – Respeito os desejos da mãe, mas nunca concordei com esta ideia de balé ser apenas para mulher. Então, não desisti do meu sonho – revela Gabriel.

O bailarino chega a ir a pé para o colégio

Fonte: Diário Gaúcho (2009).

Nesta matéria realizada pela repórter, a dura e encantadora história de um jovem que não tinha endereço, a diagramação das páginas brinca com as cenas de um espetáculo de balé, com o apoio de fotografias e recortes do menino fazendo seus vãos na dança, o que esteticamente se parece muito com os demais jornais populares espalhados pelo país. Sobre isso, Cunha (2011) diz que “[...] deve-se reiterar que muitas imagens e ilustrações são utilizadas para chamarem a atenção

do público”. Sendo assim, compreensível, se levarmos em consideração a linha editorial do jornal. É possível observar que Custódio (2019) segue os mesmos parâmetros de escrita do jornalismo popular apontados por Amaral (2006). Há um claro destaque à vida miserável que o personagem leva, a repórter descreve com riqueza de detalhes e de forma direta como é a vida do garoto e de sua família.

Na tentativa de fazer algo pelo menino que não fosse apenas contar sua história, a descrição verossímil foi forte demais para mãe do jovem, ofendida pelo termo “casa de madeira podre” presente no *lead*, a mulher refutou a jornalista: “você não pode chamar a única casa que eu tenho para morar com os meus filhos de casa podre”.

O motivo, já explicado por Custódio (2019) e presente no relatório, é de inconformidade por parte da repórter tamanha a dicotomia que é a vida de Gabriel, de um lado a pobreza extrema, de outro a possibilidade de realizar um sonho, um talento reconhecido por quem o assiste dançar. Para aproximar o leitor da matéria usa recursos de linguagem, que ora são explicativos, ora são apelos para que o menino não fique sem amparo financeiro, na constante tentativa de auxiliar aquele sonho, como no caso de Gabriel, é ir para o Rio de Janeiro estudar por um ano numa companhia de dança, o maior desafio não é morar longe da mãe, é se manter em outro estado dependendo apenas do apelo da matéria.

Aqui a produção da reportagem se aproxima do que vimos no capítulo 2 com relação ao jornalismo sensacionalista, entretanto, cabe salientar que o posicionamento do jornal nos primeiros anos possuía essa veia de cunho apelativo. No desenrolar da reportagem, a mãe e o filho trocam revelações, ao que parece a persuasão de Gabriel fez com que ele conquistasse o respeito da mãe, que tinha receio de que o filho fosse bailarino. O menino conta que, sem a mãe saber, foi ao espetáculo que ela havia proibido. E a mãe, revela ter saído aos 16 anos da cidade de Alegrete / RS para tentar a vida como passista de samba. A história de mãe e filho tomam outra proporção, agora, mais que nunca eles possuem algo em comum.

Para situar melhor o assunto e para que o leitor possa entender qual sentimento do rapaz pela dança, Custódio (2019) faz uso de outro recurso. Ela

compara a história do jovem com o longa metragem *Billy Elliot*, um menino, filho de mineiro que possui um talento nato para a dança e descobre o quanto ama dançar na mesma academia em que seu pai o coloca para aprender boxe.

A história de Gabriel, retratada no ano de 2009, pouco se distancia da vida de muitos leitores do DG, assim como a série de reportagens sobre as famílias que vivem abaixo da linha da miséria na capital do estado no ano de 2013, pessoas invisíveis, que não estão nas estatísticas ganharam rostos, nome e sobrenome e uma oportunidade de mudança de vida. O adjetivo dá também nome à série *Invisíveis* na segunda matéria a ser analisada (Figura - 8), a família de Adão, um ex-jóquei que junto com sua mulher e os três filhos ocupam um estábulo juntamente com seu cavalo, e toda a renda que possuem, 60,00 reais ao mês, é utilizada para alimentar o animal.

Alimentam-se dos restos da xepa das feiras que são jogadas à beira da estrada. Como o dinheiro não chega para as demais necessidades da família, os moradores do bairro Restinga não conseguem ir ao centro da cidade para regularizar o CPF e, assim, pleitear um benefício do Bolsa Família, ao qual teriam direito, pois seus filhos estão em idade escolar. A medida em que Custódio desenvolve as matérias é possível observar a carga de ironia que usa em alguns momentos para descrever a vida da família num cenário contraditório

Mesmo morando na principal avenida da região e vizinha de terreno de um famoso jogador de futebol, a família de Adão está entre as milhares que o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (MDS) não encontra para incluir no Cadastro Único (dá acesso ao Bolsa Família). (CUSTÓDIO, 2013, p.2 in DIÁRIO GAÚCHO, 2013)

Na mesma matéria, a história da família de Adão se mescla à família de Vanessa, 25 moradora da Vila Conceição, no Bairro Partenon. Ela vive num casebre de compensado de apenas um cômodo, compartilha com seus quatro filhos uma cama de solteiro e sem banheiro, eles utilizam o da casa vizinha. Aqui, a noção de ser pobre (e não miserável) permeia a vida dos personagens, a repórter, de forma

gentil desvenda rosto a rosto, a fim de mostrar quem são essas pessoas com sonhos e desejos de mudar de vida.

Figura 8 - Série de reportagens Invisíveis

2

DIÁRIO GAÚCHO PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17/4/2013

TEXTOS: ALINE CUSTÓDIO
aline.macedo@diariogauchio.com.br
FOTOS: MATEUS BRUXEL
mateus.bruxel@diariogauchio.com.br

INVISÍVEIS

Espalhadas pelo Brasil, 700 mil famílias ainda seguem fora dos programas sociais. São 2,5 milhões de pessoas (1,3% da população) consideradas invisíveis pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). A elas faltam endereço, documentos, perspectivas de vida. E sobram mazelas. Cidadãos que teriam direito a receber, no mínimo, R\$ 70 por mês pela Bolsa Família. Porém, sem informação e não procuradas por órgãos oficiais, vivem de esmolas de desconhecidos e doações de parentes, amigos ou vizinhos.

Em Porto Alegre, uma legião de pessoas vive nessa situação, ainda que a Capital seja a primeira no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, entre as 13 maiores cidades do Brasil. Pelo Censo de 2010, 1% das pessoas (13.642) ganharia, por mês, menos de R\$ 70. São os invisíveis.

Na sexta-feira passada, em discurso na Capital ao lado da presidente Dilma Rousseff, a ministra do MDS, Tereza Campello, reforçou que o maior desafio do governo federal, em parceria com Estados e municípios, é a busca dos que não estão no Cadastro Único. O mutirão estadual, em Porto Alegre, deve começar em junho.

A reportagem do Diário cruza a Capital durante três semanas e achou os invisíveis. Trilhamos 800km, conversamos com 130 pessoas, fizemos 2 mil fotos e quatro horas de filmagens em 14 vilas de oito bairros. Entre hoje e sexta-feira, diferentes histórias de invisibilidade da Capital estarão estampadas no jornal.

Edição: Claiton Magalhães e Felipe Bortolanza
Edição de fotografia: André Feltes
Projeto gráfico: Flávia Kampff
Arte: Alexandre Oliveira

Família de Adão mora num espaço pensado para ser estábulo. Cavalo tem lugar privilegiado

ELES EXISTEM

São os olhos marejados do ex-jogador amador Adão Jesus César de César, 58 anos, que expressam a dor do bolso vazio. Há dez anos, ele, a mulher, Maria Helena, 50 anos, e os quatro filhos – Rosa Maria, dez, João Pedro, 12, Rodrigo, 16, e Alessandro, 20 anos, vivem num casbre de madeira construído para ser um estábulo na Vila Chácara do Branco, no Bairro Restinga, Sul da Capital. O local mais espaçoso fica para o cavalo de estimação.

Mesmo morando na principal avenida da região e vizinha de terreno de um famoso jogador de futebol, a família de Adão está entre as milhares que o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (MDS) não encontra para incluir no Cadastro Único (já acesso ao Bolsa Família).

Fazem parte da faixa da “extrema pobreza”: abaixo de R\$ 70 mensais por pessoa. Até março, Adão ganhava R\$ 60 fixos para cuidar de um cavalo (o que dava R\$ 0,33 por dia para cada integrante da família). Dias atrás, o dono do animal despediu Adão:

– Não temos dinheiro nem pro ônibus para refazer os CPFs. Por isso, não procuramos o Bolsa Família. Vivemos de doações.

Roupas são a maior parte dos sacos despejados no terreno deleas. A quantidade é tanta, que estão amontoadas até o teto num canto do quarto onde dorme toda a família. Os vizinhos costumam doar sapatos. A maioria chega rasgado ou sem sola.

– A gente precisa é de comida – ressaltava Maria, apocada pelo pequeno João, que usa um chinelo preto e outro rosa (os que cabem nos pés).

Assim como eles, Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, é invisível ao poder público, vivendo numa peça de compensado na Vila Maria da Conceição, no Bairro Pântano, Zona Leste. Mãe de Victor, um ano, Bryan, quatro, e de Emily, dez anos, Vanessa, mulher de oitav lacrimoso, espera o direito ao Bolsa Família desde 2012. Depois de perder o marido (morou na cadeia), a casa de madeira de cinco cômodos (apodrecida pelo tempo) e o emprego de industrial, Vanessa lamentava:

– Sem renda, dependo de parentes. Penso: até quando vou viver assim? Já a doméstica desempregada Nubia Nunes Cordeiro, 24 anos, da Vila Cio Perdido, no Bairro Restinga, até somt. O marido, pedreiro, vive de bicos e tem trazido cerca de R\$ 400 por mês para o sustento dos filhos Fernanda, sete meses, Gabriel, três anos, Kellen, cinco, e Isiane, oito. Os seis dividem uma peça de alvenaria, sem banheiro. Na cama de solteiro, Nubia se aperta com as quatro crianças. E o marido? Dorme em um sofá-cama.

– Apenas ganhamos para a comida. Se eu tivesse o Bolsa Família (na fila há oito meses), poderia comprar roupas, sem depender de doações. Quero trabalhar, mas não consigo creche para deixar os filhos – diz Nubia.

No Plano Brasil Sem Miséria, família com renda mensal menor que R\$ 70 (R\$ 2,30 por dia) por pessoa é taxada de EXTREMAMENTE POBRE. Famílias entre R\$ 70 e R\$ 140 por pessoa, por mês, são as POBRES.

ONU afirma que uma PESSOA NECESSITA pelo menos, US\$ 1,25 (R\$ 2,50) por dia PARA VIVER. Isto é R\$ 75 por mês: R\$ 5 acima do mínimo do Bolsa Família.

Vídeo e fotos em www.diariogauchio.com.br

Fonte: Diário Gaúcho (2013).

Percebe-se, nesta série de reportagens, que a pessoa que escreveu essas histórias se expressa de forma diferente do que na primeira matéria, embora a jornalista seja a mesma, é possível identificar a maturidade profissional da repórter.

Custódio (2019) descreve a miséria destas pessoas de modo a ambientar o leitor na história, sem que se fizesse valer das condições das fontes de uma forma apelativa.

Cerca de um mês após a publicação da série de reportagens no Diário Gaúcho, o desdobramento traz os ganhos da assistência proporcionada pela reportagem no jornalismo popular. As conquistas são representadas pelos órgãos responsáveis que entraram em contato com as famílias para prestar a devida assistência e a família de Adão, por exemplo, descobriu que o patriarca tinha um valor disponível para a retirada no seu FGTS, além disso seus CPF foram registrados, o que permitiu tentar novamente o benefício do Bolsa Família.

O desenvolver da matéria revela que ainda há esperança para estas pessoas, uma característica presente nas construções textuais de Custódio (2019) onde é forte a humanização da abordagem, quem lê sente a emoção que suas palavras transmitem. Assim, como menciona Marques (2003, p. 14), a emoção faz parte do papel social do repórter, os leitores do DG revelam isso (Figura - 9) ao relatar que foram tocados pelo conteúdo publicado; outra leitora diz repensar a maneira como vê sua vida, que muito embora seja difícil, existem pessoas em situações piores que a dela.

Figura 9 - Série de reportagens Invisíveis, Carta dos Leitores.

DOS LEITORES

"Esta imagem da mãe amamentando e abraçando o outro filho me arrancou lágrimas e me fez agradecer pela vida que tenho, que já não é das mais fáceis. O que mais me choca é a falta de sensibilidade de grandes empresários e das autoridades para resolver questões sociais."
Alessandra Ausani Huff

"Parabéns pela abordagem profissional e humana. Faz com que paremos para pensar sobre nossa vida, o que temos e que não damos valor."
Anderson Guerreiro

"A reportagem mostra o quanto ainda precisamos para que o nosso país esteja verdadeiramente no caminho do desenvolvimento."
Humberto Escobar

"A reportagem mostra que o governo não tem política fundiária que retenha o homem no campo. As famílias vêm para as grandes cidades em busca de um sonho que se torna um pesadelo."
Alceu Medeiros

Fonte: Diário Gaúcho (2013).

A terceira reportagem (Figura 10) conta a história da jovem bailarina Dandara, na época com 19 anos. A pauta chegou até a repórter através das redes sociais. A professora de dança da jovem costumava ler o Diário Gaúcho e gostava das matérias realizadas por Custódio (2019). Aqui é um caso real do engajamento do leitor e do reconhecimento do trabalho do repórter, ultrapassando a relação do “eu-outro” e adentrando na linearidade do “eu-tu” como fala (MEDINA, 1996). Ainda no aspecto teórico da construção que ocorre de forma legítima e natural entre repórter, leitor e fonte a autora discorre sobre

No abismo literário se configura o símbolo. No diagrama jornalístico se fecha a informação. Não me conformo com a palavra “objetiva”. Se não nos é possível a palavra-revelação, fico, pelo menos, com a palavra decifração. Identificar na reportagem um processo de decifração, quando levado às últimas consequências. Este ato de decifrar não é nem árido nem descritivo, não disseca friamente para descarnar um esqueleto. Pelo contrário, é um ato cênico e narrativo, que persegue o tutano com paixão até tentar tocar de perto a substância humana. (MEDINA, 1996, p. 237)

Ao se apropriar desta narrativa que retrata a paixão, como um ato cênico, a repórter conta mais uma história da vida de um apaixonado pelo balé, desta vez, a personagem era uma menina de 19 anos que colocava a alma na hora de dançar, e que, por isso, havia conseguido uma bolsa de estudos numa das melhores escolas de balé do mundo a *Alvin Ailey American Dance Theater*, nos Estados Unidos. Pensando em ajudar a aluna, a professora Jacqueline Zacarias viu no jornal uma oportunidade para sensibilizar leitores a custear sua ida para Nova York.

Com a delicadeza que a pauta pede, a repórter descreve cada movimento de Dandara, e assim, faz com que o leitor se encante pelo sorriso meigo da jovem. A bailarina, nascida na periferia da cidade de Alegrete, cidade 500 quilômetros distante de Porto Alegre, quando pequena sofreu com a separação dos pais e encontrou no balé um sentido. A medida em que a matéria avança é possível compreender a importância da dança na vida da jovem e semelhante a primeira matéria analisada, Dandara também não possui recursos para se manter no que mais ama.

Figura 10 - Reportagem “Um sonho trilhado na ponta dos pés”.

17

HISTÓRIA INSPIRADORA

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 3/9/2016, E DOMINGO, 4/9/2016

O FUTURO NA PONTA DOS PÉS

Reportagem: **ALINE CUSTÓDIO**
aline.custodio@diariogaucha.com.br

Fotografia: **MATEUS BRUXEL**
mateus.bruxel@diariogaucha.com.br

Vinda da periferia de Alegrete, bailarina de 19 anos supera as dificuldades e conquista a chance de completar a formação em uma das mais prestigiadas escolas de dança contemporânea do mundo: a Alvin Ailey American Dance Theater, de Nova York (EUA).



Desde a infância, a filha de pais capoeiristas Dandara Amorim Veiga, 19 anos, de Alegrete, a 500km de Porto Alegre, dividiu-se entre as rodas de capoeira e os palcos de dança. Em ambos, estreou antes de começar a caminhar. Secretamente, porém, já tinha escolhido o caminho que trilharia na vida. No mês passado, a garota que descobriu o balé aos nove anos num projeto social para crianças carentes teve a certeza: conquistou uma bolsa de estudos de um ano na Alvin Ailey American Dance Theater, em Nova York (EUA), escola de dança contemporânea consagrada mundialmente. Entre mais de cem aspirantes a bailarinos do mundo inteiro, Dandara e outros nove foram selecionados. A partir deste sábado, pelos próximos 12 meses, ela fará parte da escola de dança da Alvin Ailey companhia fundada em 1958, em meio à luta dos negros por direitos civis. A gaúcha tem a chance de, após o período de estudos, permanecer na equipe como profissional. Nascida na periferia de Alegrete, ainda no colo, Dandara era incentivada a seguir a carreira dos pais. Por isso, ganhou alongamento e força ao praticar capoeira todos os dias. — Olhava filmes de dança e ficava encantada. Mas era uma menina muito envergonhada, com medo. Guardava aqui dentro (aponta para o coração) o sonho de, pelo menos, entrar numa sala de balé — confidencia.

“Choro cada vez que ela dança bolero. Lembro da primeira vez que a vi no palco, ainda bebê. A música de abertura do Dança Alegre era um bolero — relembra Maria Luiza, avó de Dandara

Nos palcos, a estreia da garota ocorreu, aos dez meses, como recorda a avó paterna, a doméstica Maria Luiza Lima de Moraes, 70 anos. Nos braços de uma baianina, Dandara participou de uma coreografia afro no Dança Alegre, evento promovido pela prefeitura que reunia centenas de dançarinos do Brasil e do mundo para apresentações dos mais diferentes ritmos. — Choro cada vez que ela dança bolero. Lembro da primeira vez que a vi no palco, ainda bebê. A música de abertura do Dança Alegre era um bolero — relembra Maria Luiza.

Mudança de vida

Quando tinha seis anos, Dandara sofreu com a separação dos pais. E o desejo de ingressar no balé ficou mais distante. O pai se mudou para outro Estado e nunca mais contactou a família. A mãe, Liliane Fios de Amorim, hoje com 42 anos, se mudou para uma casa menor, num bairro distante mais de 10km do Centro, e começou a trabalhar como camareira e doméstica para sustentar Dandara e os outros filhos, João Antônio, Jorge Miguel e Janaina, hoje com 14, 17 e 25 anos, respectivamente. A ajuda e a força para ultrapassarem o período vieram da avó paterna. Mas foi Janaina, atualmente dona de casa no Rio de Janeiro, que, ao saber do sonho da irmã, a inscreveu no projeto social e recreativo de balé Primeiros Passos, criado pela professora Jacqueline Zacarias Silveira para crianças carentes das escolas públicas de Alegrete. As aulas eram gratuitas, uma vez por semana, e ela ainda receberia a malha e a sapatilha. Como treino, se alongava na cama, na jante de casa e no caminho para a aula. Ações que repete até hoje.

PROJETO SOCIAL

Dos nove aos 13 anos, Dandara integrou o projeto social Primeiros Passos. Foi numa apresentação de final de ano dos alunos que ela acabou sendo descoberta pela própria Jacqueline. A garota esguia tinha 13 anos e, dançando, “lembrava uma piuma”, compara a professora. A maior parte das bailarinas profissionais costuma iniciar os estudos ainda antes de ingressar no ensino fundamental. Para os padrões exigidos pelo balé, Dandara estava começando tarde. Desconhecendo o histórico de dificuldades financeiras da família da menina, a professora a chamou para ser aluna na Escola de Dança Bailarina, fundada por ela na cidade em 1984. Jacqueline queria lapidar aquele diamante.

— Qualquer movimento no corpo da Dandara tem um significado. Ela transmite uma emoção para quem a está assistindo. Através do corpo da Dandara, a gente consegue viver a dança que ela tanto ama — descreve Jacqueline.

Este diamante continuará a ser lapidado em Nova York

Fonte: Diário Gaúcho (2013).

Aqui, a repórter consegue exprimir, no seu texto, o sentimento da jovem quando escolhe destacar a frase “A dança é o ar que eu respiro. Se eu não puder dançar, não serei a Dandara.” A repórter ainda descreve a jovem como uma mulher de fibra, não à toa tenha recebido no nascimento o nome da mulher de Zumbi dos Palmares. A matéria mais uma vez demonstra a evolução da escrita de Custódio (2019), bem como a identidade gráfica do jornal que passa a colecionar publicações

de grandes histórias e é reconhecido pelo público leitor como um canal efetivo de ajuda.

Assim como muitos jovens sonhadores, Dandara possui uma família que a admira e deseja que ela se realize profissionalmente. A jovem coleciona, além de medalhas, histórias de superação, como a vez que se apresentou com uma agulha cravada no pé, o motivo: não tinha condições de comprar sapatilhas novas, e por isso reformava as sapatilhas velhas que recebia das amigas de dança; numa destas vezes precisou se apresentar às presas e a agulha acabou ficando dentro do sapato.

Ao final da matéria, a jornalista chega a cruzar as histórias de Gabriel com a de Dandara. O jovem, que na época desta matéria estava 24 anos, desejava a jovem bailarina tanto sucesso quanto ele teve ao trilhar uma história baseada na integridade e na determinação. Mais uma vez se cumpre o que está na teoria, conforme discorre Medina (1996)

A coisificação e/ou tecnificação objetiva da entrevista esvai sua seiva criadora. Em oposição, a humanização da oportunidade histórica estimula a fertilização. Qualquer encontro e qualquer pauta se expõe, igualmente a degradação ou à interação social criadora. Para tanto, o agente cultural deste processo não pode ser um porta-microfone ou *office-boy* das perguntas da redação. O mediador - produtor de sentidos - tem de agir reflexiva e conscientemente perante a sacralidade do momento. A busca (muitas vezes aflitiva e aparentemente inalcançável) do encontro e da relação deve ser prova “olímpica” de resistência. (MEDINA, 1996, p. 223)

Custódio (2019) rompe as barreiras físicas e também as imaginárias das quais se colocam muitos colegas de profissão, quando opta por executar algo que vai além do questionário para cumprimento do ofício. Quando se escolhe ser aquele que vai produzir emoções, como diz (MEDINA, 2019), é preciso sacramentar o momento, tornar aquela história única e, ao mesmo tempo, semelhante a tantas Dandaras, Gabrieis e Adãos.

5 CONCLUSÃO

Pretende-se validar com este estudo, que tal profissional, quando se permite envolver e viver as histórias que são contadas por aqueles que, talvez, jamais fossem ouvidos, exerce um papel social fundamental para essas pessoas no cumprimento do seu ofício, nas relações com o leitor e com as suas fontes dentro do escopo do jornalismo popular. Para tanto, foi realizado o estudo de caso da repórter Aline Custódio e sua relação com os leitores e fontes, compreendendo também uma breve análise de três reportagens publicadas no jornal Diário Gaúcho entre os anos de 2009 a 2016 produzidas pela jornalista.

Para isso, foi importante elucidar os conceitos da palavra “popular” pela ótica de teóricos da comunicação popular e posteriormente pela perspectiva de teóricos que abordam o tema no âmbito jornalístico. Neste ponto foi necessário desvincular o jornalismo popular do jornalismo sensacionalista, bem como do jornalismo cívico, para que não fossem feitas comparações inadequadas em relação ao conceito de popular. Também, de suma importância, abordou-se as características do jornalismo popular na atualidade, apontando as principais mudanças que sofreu desde o seu surgimento, e como o caso do jornal Diário Gaúcho modificou a relação que o público possuía com os periódicos, no que diz respeito à interação leitor/jornal. Nesse segmento o leitor deixa de ser apenas um consumidor do conteúdo, e passa a se relacionar de forma direta com o veículo e comunicação, sugere pautas, interage com os jornalistas de cada seção e vira um informante, e até mesmo um suporte para o repórter.

A fim de analisar a relação entre o repórter e o leitor, foi necessário distinguir a fonte oficial da fonte popular; destacar o leitor como partícipe dessa construção, como também a relação da repórter Aline Custódio, que foi o case desta pesquisa. Por meio da técnica de estudo de caso holístico exploratório, buscou-se respostas às perguntas que motivaram este trabalho. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevista com a repórter escolhida como caso de estudo, para que assim, fosse possível compreender as relações entre o repórter e sua fonte além da

relação com o leitor. Por fim, fez-se análise de três reportagens escritas por Custódio (2019) em anos diferentes.

Nesta pesquisa, foi possível observar um crescimento na escrita da jornalista, na qualidade e no desprendimento gráfico do jornal, como é o caso da matéria da Bailarina Dandara, publicada em 2016, cuja a diagramação se aproxima muito a das páginas de um jornal de referência. Com este estudo, fica evidente também, que todas as três matérias estamparam as capas do Diário Gaúcho em suas respectivas publicações, o que demonstra empenho por parte da repórter em qualificar e tornar a matéria relevante o suficiente para ganhar a capa.

Para a proponente, fica claro que o papel do jornalista, quando realizado de forma humanizada e sensível possibilita uma entrega mais qualificada, no que tange a qualidade da matéria, além de conquistar e fidelizar leitores. Nestes casos, como Medina (1996, p. 223) elucida, o repórter ao ultrapassar os limites pré estabelecidos na redação, avança no âmbito sensorial, se assim julgar conveniente. Todos ganham com essa relação mais sensível e respeitosa.

As matérias aqui analisadas abarcam e despertam sentimentos genuínos, lançando mão de informações sobre a realidade do entrevistado que tenham o devido peso na narrativa, mas sem o caráter apelativo do jornalismo sensacionalista. Com a leitura, é possível mergulhar nas temáticas abordadas e ser tocado com a vida miserável dos *Invisíveis*, com o nervosismo de fazer algo escondido, como o caso do menino Gabriel, que se apresentou no balé mesmo proibido por sua mãe ou até sentir a dor da agulha cravada no pé como na história de Dandara.

Sensações despertadas e somente possíveis através das escolhas feitas pela repórter, sobre que elementos iluminar nas vidas das suas fontes, para que trazidas à luz do público, a repercussão de suas histórias possam fazer eco na sociedade e converter-se em soluções e benefícios para si, sua família ou ainda para sua comunidade. Além disso, a identificação do público para com estes personagens suscita no leitor, a vontade de se ver, como Gabriel, Adão e Dandara, ilustrando as páginas do jornal. A presença da subjetividade no jornalismo popular colabora para o reconhecimento do Diário Gaúcho pela sociedade, ademais, o jornal consegue se

manter efetivo no apoio às resoluções dos dilemas comunitários e até privados do público leitor, que encontra no DG uma última oportunidade de ser ouvido e, então, atendido pelas autoridades responsáveis.

Registra-se que estas foram as conclusões obtidas através de um estudo que teve como base a seleção de reportagens com recortes geográfico, de tipo de informação, de veículo e por fim de profissional. Assim, compreende-se que os resultados alcançados, através dessa amostragem, expõe uma parte do que é a complexa relação que se dá entre o profissional jornalista e seu entrevistado, e se faz necessária uma abordagem mais densa e aprofundada destes aspectos a fim de investigar outras possíveis nuances que possam existir na relação do repórter com a fonte. Nesse sentido abre-se um campo para nova exploração do tema tendo em vista a carência de subsídios teóricos acerca da figura do repórter, bem como de referencial bibliográfico que versem sobre as questões próprias do seu ofício e do vínculo com as fontes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de Fala do leitor no Diário Gaúcho**. 2004. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo:Contexto, 2006. 134 p.

AMARAL, Márcia Franz. Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular? **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Xxix Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Unb – 6 A 9 de Setembro de 2006**, Brasília, p.1-15, 6 set. 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005 . Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_848.pdf . Acesso em: 15 set. 2019.

AMARAL, Márcia Franz et al (Org.). **O Jornalismo Popular e o Jornalismo Público em um programa radiofônico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, Pr, p.1-12, 04 set. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1063-1.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995. 160 p. (Coleção Novas Buscas em Comunicação ; v. 47). Disponível em: <<http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/Danilo-Angrimani-Sobrinho-Espreme-que-sai-sangue.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2019.

AUTOR, Sem. **O Garganta Profunda**: Trecho de Todos os homens do presidente. 2014. Texto elaborado pela Editora Três Estrelas. Disponível em: <<http://editora3estrelas.com.br/primeiraleitura/82414-o-garganta-profunda.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2019.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lúcia. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. Revista Eco-pós: Comunicação e História, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.67-87, ago. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1109/1050>. Acesso em: 01 set. 2019.

CUSTÓDIO, Aline. Jornalista de GaúchaZH, Grupo RBS. **O Jornalismo Popular, o Repórter e suas fontes**. Porto Alegre. 12 ago. 2019. Entrevista concedida a proponente.

DIÁRIO GAÚCHO: Sonho de bailarino. Porto Alegre, 22 ago. 2009.

DIÁRIO GAÚCHO: Invisíveis. Porto Alegre, 17 abr. 2013.

DIÁRIO GAÚCHO: Um sonho trilhado na ponta dos pés. Porto Alegre, 17 ago. 2016.

DUARTE, (Org.), J. **Comunicação Pública:** Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público, 3ª edição. Acesso em: 01 set. 2019. *E-book*. Acesso através da Minha Biblioteca, mediante assinatura.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1975. 218 p.

EDITORA TRÊS ESTRELAS. **O Garganta Profunda:** Trecho de Todos os homens do presidente. São Paulo: Editora Três Estrelas, [2019?]. Disponível em: <http://editora3estrelas.com.br/primeiraleitura/82414-o-garganta-profunda.shtml> Acesso em: 02 nov. 2019.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C.. Utilizando Estudo de Caso(s) como Estratégia de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e Sugestões. **Estudo e Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p.7-22, 2011. Disponível em: <<https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a%20estudo%20de%20caso.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Org.). **Minidicionário Houaiss:** da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 957 p.

IJUIM, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antonio Carlos. **Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística...e a busca por um jornalismo humanizado.** Comunicação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, São Bernardo do Campo - SP, v. 1, n. 51, p.1-246, jan. 2009. Editora Metodista.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa:** Indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: Editora da Universidade / Ufrgs, 1998. 150 p. (Síntese Rio-grandense).

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARQUES, Luís Henrique. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso.** Guarulhos: Editora Edusc, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**. São Paulo, Ática, 1986.188p.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. 496 p.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996. 246 p. (Coleção Mundo Mídia).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1997. 360 p. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/as%20varias%20faces%20do%20jornalismo%20popular.pdf/at_download/file>. Acesso em: 07 set. 2019.

NUNES, Ana Cecília Bisso. **Jornalismo Popular no Brasil e na Alemanha: as capas do BILD Hamburg e do Diário Gaúcho**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p.489-504, 8 dez. 2011. Semestral. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2011v8n2p489>. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2011v8n2p489>>. Acesso em: 15 set. 2019.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Brasília, n. , p.1-15, 6 set. 2006. Anual. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor**. 2008. Disponível em:
<<https://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744>>. Acesso em: 01 set. 2019.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa: em um volume**. Rio de Janeiro: Poesia Completa, 2006. 774 p. (Série Brasileira). Disponível em:
<http://www2.fw.iffarroupilha.edu.br/biblioteca/wp-content/uploads/2017/08/POESIA_COMPLETA_MARIO_QUINTANA.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

RODRIGUES, Catarina. **Novas fronteiras do jornalismo: comunicação individual na era global**. 2008. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/catarina-rodrigues-novas-fronteiras-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

SOARES, Marcelo. **Ex-diretor do FBI era o Garganta Profunda, confirmam Woodward e Bernstein**. 2005. Portal Abraji. Disponível em: <<http://abraji.org.br/noticias/ex-diretor-do-fbi-era-o-garganta-profunda-confirmam-woodward-e-bernstein>>. Acesso em: 13 out. 2019.

SCORTEGAGNA, Laís Cerutti. **JORNALISMO CÍVICO: A ARTE DE FAZER A DEMOCRACIA FUNCIONAR**. 2013. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/18298/11702>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **As Fontes nas Teorias do Jornalismo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul. Artigo. Florianópolis.p.1-16, 2 set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0779-1.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2019.

TELLEZ, Luisa García. **HÁBLAME DE TUS FUENTES**: Aprendizajes de veinte Reporteros de Investigación Iberoamericanos. Lima / Perú: Departamento Académico de Comunicaciones, 2017. 170 p. Disponível em: <http://cdn01.pucp.education/comunicaciones/2018/02/06220933/luisagarcia_habla medetusfuentes.pdf>. Acesso em: 28 set. 2019.

TOM ZÉ. **Parque Industrial** - LP Tropicália ou Panis et Circenses. São Paulo: Philips Records, 1968. disco sonoro (3:16)

YIN, Robert K.. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Entrevista com a Jornalista Aline Custódio, uma repórter popular.

Período cobrindo o interior:

Ali foi fundamental pra eu me aproximar das pessoas, porque no interior é diferente daqui, no interior a pessoa já abre a sua casa te dá café; é muito parecido com o que acontece com a nossa fonte do Diário Gaúcho. Eles confiam demais, no interior era assim sabe, então eu ligava para o delegado a hora que eu quisesse, pra agente funerário a hora que eu quisesse e eles me atendiam.

Semelhanças com as pautas populares na capital:

E realmente, é uma vida totalmente diferente, porque as pessoas, o leitor do dg, ele realmente idolatra. Não deveria, e com o passar do tempo eu aprendi que a gente (o repórter) não é herói e a gente é só um repórter, um ser humano. Mas eu só aprendi isso no mestrado.

Quando eu fiz o mestrado, eu entendi que a gente não é...

E aí o que acontece, quando eu cheguei na primeira matéria que eu fiz no diário gaúcho eu já percebi que teria diferença, que eu fui pra alvorada, eu não conhecia Alvorada, isso era 2005, na Umbu que era o bairro o mais violento (isso por causa dos números, porque as pessoas são incríveis lá)

E ali eu vi que era diferente, quando a gente chegou era uma gritaria, pessoas aplaudindo (e eu meu deus, e o fotógrafo me disse, olha vai te acostumando que aqui é assim).E realmente foi muito legal ouvir aquelas pessoas e eu percebia que era diferente do empresário que eu entrevistava que ele dizia “eu sou assinante da zero hora” dando aquele carteiraço, e com esses moradores não, eles agradeceram “muito obrigada por ter vindo” por ter nos ouvido por estar aqui e eu comecei a ver que o contato era diferente, eu não podia chegar simplesmente pegar e anotar o nome e o telefone.

Aproximação com a fonte:

E ia na casa da “dona fulana” lá no interior de Arroio do Meio, e na casa da “dona ciclana” em Putinga e elas me atendiam na hora que fosse,e ali eu aprendi a fazer fonte. Eu percebia assim: se a pessoa tinha alguma liderança naquela rua dela ou no bairro dela, eu anotava nome e telefone e deixava “fulaninha de tal bairro”, essa aqui pode ser uma ajuda depois!

Ou uma professora da escola que fosse uma liderança naquela escola, eu nem ia na diretora eu ia numa professora. Porque a diretora né (é uma fonte oficial), então eu ia na professora, tava lá convivendo mais de perto com o pai com aluno enfim.

Eu tento tento sempre puxar assunto, achar alguma semelhança da minha vida com a história que eles estão contando. Eu sempre tento me aproximar da fonte na vida normal eu tento achar coincidências da vida cotidiana, para que eles não me vejam só como uma repórter, sou um ser humano como ele.

E então, dali em diante eu comecei a ver que eu não precisaria, ouvir primeiro a prefeitura, eu ouvia a prefeitura pra saber assim “a quanto tempo estava a rua daquele jeito, se haviam pedidos de reparos”, mas a minha fonte principal era a pessoa que estava lá vivendo aquilo.

Os limites da relação:

Nesse tempo eu criei muitos vínculos, vamos dizer assim “amigos” não que eu vá visitá-los na casa deles, eles me convidam pra um churrasco no domingo, me convidam para aniversário, pra batizado, mas eu não vou, porque eu tento manter esse distanciamento, e eu digo pra eles eu sou a repórter que to fazendo a matéria.

Mas aqui se eu colocar na minha agenda tem a Almerinda Chácara do Banco, Maria da Tinga, o Beto de Santa Rosa, tem vários sabe. Tem o seu Édson, que tá me ligando direto hoje, ele tá como Édson de Capão da Porteira, aí tem o 1, 2 e tem a mulher dele eu tenho o telefone de todo mundo sabe. Capão da Porteira é o interior de Viamão, e essa pessoa faz uns 10 anos que fala comigo. Mas eu dou atenção né. Toda a vez que liga, e as vezes liga assim as 2h da manhã. Eu botei até no meu whatsapp “entre 22h e 8h eu costumo ficar longe do whatsapp”. Pra pessoa saber que eu durmo em algum momento eu durmo.

Fonte fiél:

Tem também um professor da PUCRS, que agora me passou uma pauta excelente acabei de subir agora professor Edson Hetzner, aquele que é o caçador de relíquias, eu fiz uma matéria com ele faz uns dois anos e ele sempre me manda primeiro, antes de todo mundo, até deu uma briga com a assessoria da PUCRS agora, porque ele manda primeiro para mim. Isso por que eu fiz uma matéria uma vez com ele e ele disse que a matéria que eu fiz foi diferente de todos os outros. Porque eu sentei com ele e conversei pessoalmente e não por telefone. Então com esse professor é assim, ele manda tudo pra mim e diz “Não Aline, eu sei que tu vai publicar e vai olhar certinho” ai eu mando pra ele dar uma olhada, porque como tem termos técnicos eu sempre peço “professor dá uma olhada aqui pra mim” isso porque tem termos técnicos de arqueologia, e ele sempre me valida se esta tudo certo ou não.

Eu fui construindo as minhas fontes, alguns eu fico com eles no meu celular que são aqueles que realmente me ligam mais. Eu fui embora por rio, e essas pessoas aqui tipo a Almerinda continuou falando comigo eu morando no rio, ela mandava assim “olha Aline, tá acontecendo tal coisa, o que eu faço?” Bah contata com tal pessoa lá no DG, e aí eu voltei e continuam sendo minhas fontes. E agora na zero hora, faz

um ano que eu tô lá eu tô com fonte no interior inteiro. Eu tenho fonte em uruguaiana, em livramento, em ausentes se acontece uma coisa eu ligo pro Pare lá de ausentes. é maravilhoso a minha fonte ótima ele sabe tudo. E a dona do hotel também que eu fiquei, já ficou minha parceira.

Relação humana:

Tem aí uma coisa “falar pessoalmente”, bah quando tu fala pessoalmente tu quebra totalmente o medo da pessoa, ela vai te ver, vai saber quem tu é, vai ter confiança ou não. Se tu falar com ela olhando no olho, e outra coisa: eu explico pra cada um o que é a matéria, e às vezes não dá certo igual. Sabe. Isso é muito importante, ganhar a confiança da pessoa, porque quando tu chega pra entrevista e diz “olha só, a minha matéria vai ser assim e assado, eu vou colocar isso e aquilo, eu preciso disso” sabe? pra ela saber exatamente pra onde vai “ Ah vai pra tv, vai pro jornal e pro rádio, eu não te garanto a capa, mas eu vou tentar” tudo isso eu falo. E se bobear eu mando o link pra ela. Aqui (na redação), ninguém faz. Mas eu faço. Mando o link, eu digo quais são as páginas que vai estar, eu digo quando que vai ser publicado porque isso me dá a certeza de que eu vou ter o retorno dela depois. Isso é, meu eu faço porque eu quero.

Mas voltando pro público popular, se te oferecem uma água, um café, tem que aceitar. Porque pra ele é a coisa mais importante, é um presente que ele pode te dar. Eles não estão querendo te comprar com isso, nem nada, mas sim te agradecer e se tu não toma ou se estiver doente tu vai dizer “ olha não posso, ou então sou intolerante”. Uma vez uma senhora foi me dar um bolo e eu agradeci, disse que tinha intolerância e que não podia comer, mas que se tivesse um cafezinho eu aceitaria.

E eu chego e sento. Azer se tem pulga na casa, azar. Eu vou e não quero nem saber, aperto a mão, abraço, não importa quem seja, morador de rua..não interessa. Eu não tenho nojinho. Não fico percebendo também se não tem importância pra matéria eu não fico percebendo o que tem dentro da casa da pessoa, não fico olhando. Porque tem muitos que ficam “Oh meu Deus, tem um buraco na parede” eu não dou bola sabe. É a casa dela.

Aprendendo com as falhas:

Eu já cometi um grave erro em 2009, que eu fiz a história do Bailarino Gabriel da Mario Quintana na vila Atênis, e que não existia no mapa o endereço dele. E ele morava num casebre de duas peças dividido com uma cama e não tinha banheiro. E eu botei na matéria “ na casa de madeira podre”, e aí a mãe dele veio me dizer que eu não podia ter feito aquilo que era a única casa que ela tinha para dar para os filhos dela. E eu não podia dizer que ela era podre. E não podia mesmo.

E ela era podre porque? Porque a fotógrafa deu um passo pra trás e furou o assoalho de madeira de tão podre que tava, furou e ficou com o pé lá dentro. Ai na foto da capa, tem uma caixa que a gente usou para tapar o buraco. E ai eu coloquei

na matéria na casa de madeira podre, porque realmente era e eu queria que alguém visse e ajudasse eles. e Aí ela me disse “ Aline, essa é a única casa que eu posso dar pros meus filhos, e tu disse que ela é podre”. Bah! Eu chorei uns três dias seguidos caramba eu não podia ter feito isso, eu ofendi eles. Pedi desculpas tudo e no fim ficamos amigas. Mas assim esses cuidados de “vou magoar?” “vou ferir?” sabe, se colocar no lugar daquela pessoa.

Quem é a fonte popular:

Eu não enxergo uma fonte popular como uma pessoa do lugar mais pobre, eu enxergo que a fonte popular é toda aquela que não é oficial. ú sempre enxergo assim. então pode ser assim, o dono do bar, a dona do salão de beleza, o gari que varre a rua lá na restinga. Eles não são aquela pessoas ligadas á prefeitura, ao governo do estado, a órgãos oficiais .Eu enxergo fonte popular dessa forma, qualquer pessoa pode ser uma fonte tua. Eu não vejo só como o cara da vila, ou algo nesse sentido, e te digo por conta dessa experiência da volta pra zero hora. E Eu vou a a locais no interior e eu entrevisto um fazendeiro, e ele me ajuda, que se eu precisar indicar outras pessoas pra falar ele conhece todo mundo.

O que é bem importante, alguém, que esteja atento sabe. Que conheça muitas pessoas, isso eu acho bem importante numa fonte popular. Não é a dona de casa que fica olhando tv o dia inteiro e cozinhando. Não.É alguém que circula no seu bairro sabe. Então por isso que eu falo do bar, do salão de beleza, dessa senhora que é uma líder comunitária, são pessoas que se envolvem com a sua comunidade de alguma forma. Esse cara que é fazendeiro ele ele tem um projeto social. Ele criou um projeto social dentro do clube de golf da cidade, então ele levou a pobreza para dentro do club de golf, o que é muito legal. E aí ele conhece todo mundo. Ele conhece sobre tudo, me ajuda com a política, e se eu precisar ir numa comunidade ele me ajuda, ajuda dos dois lados.

Qualidade da fonte popular:

A qualidade as vezes eu tenho que complementar com uma fonte oficial, como foi o caso lá de alvorada, na primeira reportagem. Ele me contou como é que fizeram pra se unir, mas assim: dados oficiais, aí tu tem que ir na fonte oficial. Por exemplo qual era a metragem da rua , quantas ruas tem naquele bairro isso uma fonte popular não me disse. Quem me disse foi a prefeitura. Dados tu vai sempre na fonte oficial né, ou a resposta que tu precisa. A qualidade realmente não é a melhor, mas ele (fonte popular) te dá o detalhe do local. Por exemplo: Ah tá nevando! “ Bah Aline eu acho que tem neve aqui”, o que eu faço? Ligo pra SOMAR, e confiro o que tá tendo lá é uma chuva congelada ou é neve? Que foi o que aconteceu lá em Ausentes, ai o cara da somar, “não, não é chuva congelada” e eles (fontes) estavam me dando neve. Eles dão o primeiro passo, te dão a dica, mas tu tem que confirmar.

Teve um outro caso na antiga vila Teletubies, que o seu Vieira me mandou “ó Aline,

tem um terreno aqui estão discutindo se é do Ronaldinho Gaúcho, parece que desmatou onde não podia, mas eu não sei muito bem da história” Aí tu vai atrás das fontes oficiais, vai na justiça e vai ver e tinha mesmo “onde tinha fumaça tinha fogo”. Então eles dão aquela dica e tu tem que estar ligado pra ver se é ou não né. Não dá pra confiar 100%, tu tem que ir depois atrás da fonte oficial. Mas é muito importante tu ter esses contatos porque eles vão te dar um primeiro passo eu diria. E aí depois tu vai além.

Fontes que te deram a pauta:

A bailarina de alegrete, foi a professora que me indicou, que lia as minhas matérias, a guria precisava de ajuda para ir pros EUA pra estudar lá, fazer balé e ela me ligou. Ela disse “ Ah Aline, eu vejo teu nome sempre no jornal e tu faz matéria sempre com pessoas, personagens simples e eu tenho essa história aqui pra te passar”. Me passou pelo facebook. E aí eu fui atrás da história, que cresceu gigante. fui a alegrete, fazer a matéria, fiz pro diário gaúcho e pra ZH e a guria hoje é bailarina de uma companhia norte americana. Depois a nossa matéria ela conseguiu angariar os custos que ela precisava pra ir estudar lá. Essa foi uma das matérias que me marcou muito.

Ser empático:

Mas tem por exemplo os invisíveis, a série invisíveis ela é de 2013 e eu só consegui chegar neles por causa das lideranças comunitárias. Porque a gente precisava encontrar famílias que ganhassem abaixo de R\$: 70, 00 reais por mês. foram três meses de matérias, foi até minha dissertação do mestrado foi em cima dos invisíveis. E aí todo o lugar que eu ia eu ligava pra uma liderança, alguém local, e como eu já conhecia onde poderia encontrar bolsões de miséria eu ia com as lideranças e eles que me indicavam “ eu lembro do fulano, de ciclano” e assim foi que eu consegui. E tem lugares que tu só entra se tu tiver um rosto conhecido na região.

Nos invisíveis por exemplo, tinha uma família que dividiam um estábulo com o cavalo e a única renda que eles tinham era 60 reais por mês que era o dinheiro que tinham para alimentar o bicho. Então eles dormiam no mesmo ambiente, e aí tu falar com aquelas pessoas e tu ver que elas estão com fome, tipo estavam dividindo uma melancia podre que elas tiraram do lixo sabe. como é que eu ia almoçar depois? A gente não conseguia almoçar, a gente saía e voltava e tu não conseguia almoçar é difícil sabe. Doía no estômago da gente aquilo ali.

É de chorar, o Gabriel mesmo, o bailarino que eu fui, nossa eu lembro de entrar no carro depois de ficar umas 4 horas conversando com a família e eu entrei no carro e eu chorava assim absurdamente, porque o guri não tinha um banheiro pra ir sabe. Era um buraco. Ele desmaiava de fome quando dava um rodopio, porque não comia. Ele tomava um café preto quando chegava no colégio e depois ele ia pro ensaio e

muitas vezes a professora via ele desmaiando porque tava com fome, e ele não falava ele não tinha comido o dia inteiro. Então se não tinha merenda no colégio ele não comia. E aí tu ouvir aquilo ali e tu tem que manter a postura.

A diferença entre a fonte popular do DG e a da ZH?

Sim com certeza, porque muitas vezes a pessoa que liga da zero hora pra gente diz que é assinante da zero hora. Adora dizer. E o leitor do DG ele pede desculpa quando te liga. “ Ai desculpa eu estar te incomodando, mas eu queria falar tal coisa”. Então eu percebo essa diferença e quando eu passei pra Zerohora eu tive essa dificuldade assim, porque eu recebia muito retorno do público do DG agradecendo as matérias, e do público da ZH é mais difícil. Ai pra mim não me sentir tão distante do diário, eu fui pro interior. E aí lá eu voltei a ter aquele retorno que eu tinha, aquela ligação. Pena que eu joguei fora, porque eu tinha umas mensagem no whats, mensagens das pessoas me agradecendo pelas matérias que eu fiz que eu chorava lendo.

E porque tem essa diferença?

Eu não sei, eu acho que é uma questão de humildade. O leitor do DG ou a fonte, ele é uma pessoa que achava que não tinha nenhum tipo de valor, e quando tu chega e olha. Eles ficam numa felicidade quando tu chega lá, outro lugar que é muito carente é o litoral norte. Eles são muitos sedentos por estarem no jornal como era antes.

ANEXOS

ANEXO A - Matéria na íntegra "Sonho de Bailarino", página 6 e 7.

6 **DIÁRIO GAÚCHO**

TALENTO NA PERIFERIA

Gabriel tira a difi

TEXTO: ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br

FOTOS: CYNTHIA VANZELLA
cynthia.vanzella@diariogaucha.com.br

Ele teria tudo para não dar certo: vive na miséria, repetiu duas vezes o ano na escola por não ter dinheiro para o transporte e, muitas vezes, passa um dia inteiro sem comer. Para piorar ainda mais a situação, mora num casebre de madeira podre e sem banheiro – numa das zonas mais violentas da Capital. Mas nada disso tira de Gabriel

Fernandes, 16 anos, o brilho nos olhos e a determinação de ir além dos próprios limites. Superando todos os preconceitos, inclusive o da mãe, ele conquistou uma bolsa de estudos numa das mais conceituadas escolas de dança do Brasil, o Conservatório Brasileiro de Dança, no Rio (um dos mais conceituados do país). Parece roteiro para um longa-metragem, mas é história real: Gabriel quer ser bailarino.

O balé é o sonho do garoto do Mario Quintana

Cena 1 – A casa de Gabriel

O casebre de duas peças de madeira, sem número, fica num beco da Vila Aterris, Bairro Mario Quintana. Uma lixeira na entrada do beco é a única forma de identificar o endereço de Gabriel.

Na moradia comprada pela família por R\$ 400, há sete meses, as frestas nas paredes foram cobertas com plásticos e restos de carpetes. A porta não tem tranças.

Todos os móveis do ambiente são uma geladeira que perdeu a cor para a ferrugem, um fogão, um aparelho de televisão do início da década de 80, um armário com as portas quebradas e uma cama de casal. A família utiliza uma patente do lado de fora da casa para as necessidades fisiológicas.

Cena 4 – Estrada pedregosa

Diferente do que a mãe havia previsto, Gabriel voltou às aulas de dança no ano seguinte. E em todas as dezenas de vezes que ela disse "não", o menino se sentia mais fortalecido para continuar no curso.

A mãe nunca mais o prendeu em casa e, aos poucos, foi compreendendo que Gabriel tinha convicção do que dizia. Mesmo sem calçados ou roupas próprias para as aulas de dança, ele jamais desistiu.

O adolescente, a mãe e o irmão mais novo

Cena 5 – Contornando os caminhos

Como Angélica e os três filhos se mudavam constantemente pela Capital, Gabriel acabou repetindo dois anos na escola por faltar as aulas. O motivo: a mãe não tinha dinheiro para o transporte do filho. Mas isso não foi suficiente para desanimá-lo.

Peço contrário, sempre que conseguia o transporte, Gabriel ia mais cedo para frequentar as aulas de dança. Hoje, ele caminha diariamente 6km, de ida e volta, para estudar. Quer chegar à facilidade de dança, é claro. O vales-transporte que ganha do município é usado para as aulas noturnas de balé.

– Não precisava do dinheiro da mãe. Só da força dela. Tenho certeza que, se eu fizer tudo com amor, o dinheiro virá de alguma forma.

O bailarino chega a ir a pé para o colégio

Cena 2 – O primeiro "não"

Foi aos oito anos, acompanhando uma apresentação de dança de rua e de balé na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ana Iris do Amaral, no Bairro Protásio Alves, que Gabriel descobriu que queria dançar balé.

Porém, já enfrentou a primeira dificuldade.

– Sempre imaginei que dança era coisa para mulher. Não conseguia ver o meu filho dançando balé – diz a mãe, Angélica Maria Silva da Silva, 37 anos.

Temeroso, Gabriel passou a mentir diariamente que teria aulas também pela manhã. Angélica não imaginava que o menino havia entrado nas aulas de dança da escola.

Durante seis meses, Gabriel dançou na escola sem os professores imaginarem que a mãe não havia permitido. Porém, na primeira apresentação para os familiares, Angélica descobriu a farsa e, como punição, não deixou o filho participar do espetáculo.

O menino passou o Natal e o Réveillon frustrado, mas pensando como faria no ano seguinte para retornar o que já tinha se tomado uma paixão.

– Respeito os desejos da mãe, mas nunca concordei com esta ideia de balé ser apenas para mulher. Então, não desisti do meu sonho – revela Gabriel.






culdade para dançar



Cristina deu um empurrãozinho para o jovem ser o que quisesse

Cena 6 - Arte no corpo

No final de 2005, a professora Ângela Tonon, que acompanha Gabriel desde os primeiros passos na escola, decidiu ajudá-lo a seguir em busca do sonho. Foi ela quem o apresentou à professora de balé Cristina Fragoso, dona do Studio Cris Fragoso, no Bairro Rio Branco. Logo

no primeiro teste, foi aceito. Porém, com uma ressalva: ele precisaria de passagens de ônibus e roupas apropriadas.

— Apesar de, na época, ele ainda ser um bailarino cru, percebi que o Gabriel tinha arte no corpo. Poderia ser o que quisesse. Bastava ter um empurrãozinho — diz Cristina.

Cena 7 - Ensaios cinco vezes por semana

Desde 2006, Gabriel frequenta o Studio duas horas por dia, cinco vezes por semana. Sob a orientação de Cristina, o jovem tem aulas com seis meninas. Perfeccionista, como define a si mesmo, ele não se importa com o suor. Quer sempre fazer

melhor. E tem na ponta da língua a história da dança e todos os passos de balé. No ano passado, ao lado das colegas, Gabriel conquistou o primeiro lugar na categoria juvenil do Porto Alegre em Dança. Foi um estímulo para continuar.

Cena 8 - Em Joinville

No início do ano, Cristina propôs a Gabriel partir para o Festival de Dança de Joinville (SC). Porém, era preciso se manter por dez dias. Com a ajuda do Rotary Club e de doações, o bailarino arrecadou fundos para participar das atividades, em julho. Ele fez um teste para a escola do balé Bolshoi (companhia russa, que só tem uma academia fora da Rússia), na qual recusou um convite para estudar dança contemporânea:

— Recusei porque tenho a certeza que ainda serei bailarino clássico. É o que quero para a minha vida.



A irmã dá os primeiros passos

Cena 9 - O segundo convite

Apesar de ter recusado o convite para estudar no Bolshoi, Gabriel continuou participando de outras atividades. E foi no Conservatório Brasileiro de Dança, do Rio de Janeiro, que o jovem teve a

segunda oportunidade. Convidado a cursar dez dias de aulas na capital carioca, ele não se conteve em pedir uma bolsa de estudos ao professor de balé clássico do Conservatório, Jorge

Teixeira.

— Eu disse que não teria condições de ir, mas que tinha a intenção de estudar com eles. Na hora, o Jorge me convidou para ser aluno do Conservatório a partir de janeiro de 2010. Vibrei muito — lembra.

Cena 10 - A história não terminou

Ainda celebrando o convite para estudar no Rio de Janeiro, Gabriel sabe que precisará superar outras barreiras até 2010. Ele

precisa de dinheiro para as passagens e, principalmente, de recursos financeiros para manter alimentação e

vestuário durante o ano no Conservatório. — Vontade não me falta, mas continuo precisando de ajuda. Afinal, a minha história não terminou — afirma.

Conversa com revelações para mãe e filho

Pelo menos duas revelações foram feitas durante as duas horas de conversa com a reportagem do Diário Gaúcho. Sentados frente a frente, mãe e filho resolveram desabafar sobre as vergonhas, os sonhos deixados para trás e os desejos ainda latentes.

Só, então, Gabriel descobriu de onde vinha a própria paixão pela dança.

Jovem leva jeito para a dança, só precisa de ajuda

Diário Gaúcho - Como surgiu a vontade de ser bailarino?

Gabriel - Quando eu tinha oito anos, vi a jurizada dançando na escola e, na hora, pensei: quero fazer o mesmo.

Angélica - Ele veio correndo me contar, mas na hora, não dei vel.

Diário - Mas qual o problema em ver o seu filho dançar?

Angélica - Sempre imaginei que dança era coisa para mulher. Não

conseguia ver o meu filho fazendo balé.

Gabriel - Assim mesmo, fui escondido. Fiz durante seis meses sem ela saber. Só chorei no dia da primeira apresentação porque sabia que a mãe iria descobrir.

Angélica - Eu o proibi de ir na apresentação seguinte. E ele não foi.

Gabriel - Fui sim, mas a senhora nunca ficou sabendo. Estou revelando agora.

Diário Gaúcho - E de onde vem esta vontade de dançar, mesmo enfrentando todas as dificuldades?

Gabriel - Eu nunca reclamei da vida que temos. Pelo contrário, é nas dificuldades que a gente cresce. Eu tenho certeza que

posso fazer o que quiser. E é isso que me move.

Angélica - Acho que até tem um pouco de mim nesta vontade. Meu filho, você não sabe até hoje, mas eu sempre quis dançar. Saí de Alegrete com 16 anos porque queria ser passista de escola de samba no Rio. Me imaginava lá, sambando para a multidão.

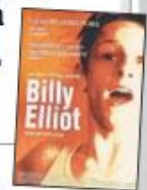
Gabriel - Nossa! Isso é novidade.

Diário Gaúcho - E se ele for mesmo para o Rio de Janeiro?

Angélica - Eu continuarei apoiando ele, mesmo à distância. Ele estará realizando parte do meu sonho.

Gabriel - Volto para te buscar (fala para a mãe) e te tirar desta vida.

História de cinema



A vida de Gabriel lembra um filme lançado em 2000. O longa inglês **Billy Elliot** conta a história de Billy, 11 anos, filho de um mineiro de carvão. Ele conhece a dança na mesma academia onde é obrigado pelo pai a treinar boxe.

Incentivado pela professora de balé, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade da família.

ANEXO B - Matéria na íntegra da série "Invisíveis", páginas de 2 a 4.

2

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17/4/2013



TEXTOS: ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br
FOTOS: MATEUS BRUXEL
mateus.bruxel@diariogaucha.com.br

Espalhadas pelo Brasil, 700 mil famílias ainda seguem fora dos programas sociais. São 2,5 milhões de pessoas (1,3% da população) consideradas invisíveis pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). A elas faltam endereço, documentos, perspectivas de vida. E sobram mazelas. Cidadãos que teriam direito a receber, no mínimo, R\$ 70 por mês pelo Bolsa Família. Porém, sem informação e não procuradas por órgãos oficiais, vivem de esmolas de desconhecidos e doações de parentes, amigos ou vizinhos.

Em Porto Alegre, uma legião de pessoas vive nessa situação, ainda que a Capital seja a primeira no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, entre as 13 maiores cidades do Brasil. Pelo Censo de 2010, 1% das pessoas (13.642) ganharia, por mês, menos de R\$ 70.

São os invisíveis.

Na sexta-feira passada, em discurso na Capital ao lado da presidente Dilma Rousseff, a ministra do MDS, Tereza Campello, reforçou que o maior desafio do governo federal, em parceria com Estados e municípios, é a busca dos que não estão no Cadastro Único. O mutirão estadual, em Porto Alegre, deve começar em junho.

A reportagem do Diário cruzou a Capital durante três semanas e achou os invisíveis. Trilhamos 800km, conversamos com 130 pessoas, fizemos 2 mil fotos e quatro horas de filmagens em 14 vilas de oito bairros. Entre hoje e sexta-feira, diferentes histórias de invisibilidade da Capital estarão estampadas no jornal.

Edição:
Claiton
Magalhães e
Felipe
Bortolanza
Edição de
fotografia:
André Feltes
Projeto
gráfico:
Flávia Kampff
Arte:
Alexandre
Oliveira



Família de Adão mora num espaço pensado para ser estábulo. Cavalo tem lugar privilegiado

ELES EXISTEM

São os olhos marejados do ex-jôquei amador Adão Jesus César de César, 58 anos, que expressam a dor do bolso vazio. Há dez anos, ele, a mulher, Maria Helena, 50 anos, e os quatro filhos — Rosa Maria, dez, João Pedro, 12, Rodrigo, 16, e Alessandro, 20 anos, vivem num casebre de madeira construído para ser um estábulo na Vila Chácara do Banco, no Bairro Restinga, Sul da Capital. O local mais espaçoso fica para o cavalo de estimação.

Mesmo morando na principal avenida da região e vizinha de terreno de um famoso jogador de futebol, a família de Adão está entre as milhares que o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (MDS) não encontra para incluir no Cadastro Único (crá acesso ao Bolsa Família). Fazem parte da faixa da "extrema pobreza": abata de R\$ 70 mensais por pessoa. Até março, Adão ganhava R\$ 60 fixos para cuidar de um cavalo (o que dava R\$ 0,33 por dia para cada integrante da família). Dias atrás, o dono do animal despediu Adão:

— Não temos dinheiro nem pro ônibus para refazer os CPFs. Por isso, não procuramos o Bolsa Família. Vivemos de doações.

Roupas são a maior parte dos sacos despejados no terreno deles. A quantidade é tanta, que estão amontoadas até o teto num canto do quarto onde dorme toda a família. Os vizinhos costumam doar sapatos. A maioria chega raspado ou sem sola.

— A gente precisa é de comida — ressaltou Maria, apelada pelo pequeno João, que usa um chinelo preto e outro rosa (os que cabem nos pés).

Assim como eles, Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, é invisível ao poder público, vivendo numa peça de compensado na Vila Maria da Conceição, no Bairro Panteron, Zona Leste. Mãe de Victor, um ano, Bryan, quatro, e de Emily, dez anos, Vanessa, mulher de olhar lacrimoso, espera o direito ao Bolsa Família desde 2012. Depois de perder o marido (morta na cadeia), a casa de madeira de cinco cômodos (apodrecida pelo tempo) e o emprego de industrialista, Vanessa lamenta:

— Sem renda, dependendo de parentes. Pense: até quando vou viver assim? Já a doméstica desempregada Núbis Nunes Condeiro, 24 anos, da Vila Eio Perdido, no Bairro Restinga, até sorte. O marido, pedreiro, vive de bicos e tem trazido cerca de R\$ 400 por mês para o sustento dos filhos Fernanda, sete meses, Gabriel, três anos, Kettlen, cinco, e Kiane, oito. Os seis dividem uma peça de alvenaria, sem banheiro. Na cama de solteiro, Núbis se aperta com as quatro crianças. E o marido? Dorme em um sofá-cama.

— Apenas ganhamos para a comida. Se eu tivesse o Bolsa Família (na fila há oito meses), poderia comprar roupas, sem depender de doações. Quatro trabalhar, mas não consigo creche para deixar os filhos — diz Núbis.



No Plano Brasil Sem Miséria, família com renda mensal menor que R\$ 70 (R\$ 2,30 por dia) por pessoa é taxada de EXTREMAMENTE POBRE. Famílias entre R\$ 70 e R\$ 140 por pessoa, por mês, são as POBRES.



ONU afirma que uma PESSOA NECESSITA pelo menos, US\$ 1,25 (R\$ 2,50) por dia PARA VIVER. Isto é R\$ 75 por mês: R\$ 5 acima do mínimo do Bolsa Família.

Vídeo e fotos em www.diariogaucha.com.br

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17/4/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3



"Pobreza é não ter serviço, é não ter casa para morar, não poder fazer um monte de compras para os meus filhos. Ter um serviço é ter uma riqueza na vida da gente."
Adão Jesus César de César, 58 anos, ex-jogador e desempregado

Na família de Adão, qualquer quantia vira festa, como quando o filho Alessandro ganha R\$ 20 vendendo alvejante de porta em porta.
— Uma vez, vi uma nota de R\$ 50. Mas nunca vimos uma de R\$ 100 — releta Alessandro, que estudou até a sétima série.
Dinheiro também é luxo para Vanessa e Núbia. Na visita do Diário, sete dias depois do pagamento do marido, Núbia vibrava por ter R\$ 2 para comprar o pão das crianças.

A RENDA

Segundo o Censo de 2010, cerca de 15 mil domicílios da Capital não tinham renda, incluindo os que sobreviviam apenas com benefícios. De acordo com o presidente da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), Kevin Krieger, o órgão se orienta por dados repassados pelo MDS e pelo Censo:
— Temos de chegar em áreas novas. Mas as pessoas também podem procurar os 22 Centros de Referência de Assistência Social (Cras) para se cadastrarem.

O secretário chefe da Casa Civil do Estado, Carlos Pestana, ressalta a Caravana da Inclusão do RS Mais Igual:

— É fundamental que as pessoas se cadastrem. Vou conversar com o prefeito José Fortunatti para que a Caravana comece em junho ou julho em Porto Alegre.

Para o professor de Economia da Pobreza da Ufrgs, Flávio Corami, que em 2007 participou de estudo sobre a pobreza na Capital, o tema vai além:

— Renda é importante, mas é um indicador imperfeito de bem-estar. Ao mirá-la, deixa-se o problema da resolução da pobreza para um programa de transferência de renda ou para o próprio indivíduo. E ele que se vire.

A COMIDA

No caso dos de César, se virar como pode tem sido a forma de sobrevivência. Em dias considerados de sorte por Maria Helena, ela recolhe restos de frutas e verduras deixadas por feirantes num lixão irregular. Dependendo do que achar, alimenta até o cavalo, dois gatinhos, 20 cachorros e sete gatos. Rosa e João vieram ao ver bananas e melancias. Acabam comendo também.



O governo federal se baseou em três frentes para chegar ao valor de **R\$ 70: Objetivos do Milênio da Organização das Nações Unidas (Omu)**, Pesquisa de Orçamento Familiar do **IBGE** e pesquisas do Banco Mundial e da **União Europeia**.



Rosa e João recolhem alimentos de lixão

"Estudei até a quarta série, mas hoje não sei mais nada. Esqueci de tudo. E é assim que eu vivo. Esta é a realidade. A realidade do Brasil."

Núbia Nunes Cordeiro, 24 anos, doméstica desempregada



Água para comida e banho de Gabriel



Numa cama de solteiro, Núbia dorme com os quatro filhos

No dia em que a reportagem flagrou a família no lixão, João deu uma ideia:
— Dá para colocar no feijão ou numa sopa! O pequeno carregava um repolho, tomates, coque e duas melancias. Três bananas foram devoradas pelo caminho. É raro os de César almoçarem juntos. Maria Helena e o mais velho comem numa obra assistencial da igreja e levam comida para Adão e Rodrigo. Os dois mais novos aproveitaram as refeições na escola.

A SAÚDE E A EDUCAÇÃO

Atuando há dez anos em áreas carentes de Porto Alegre, o médico de família Fabiano Barrionuevo diz que a alimentação inadequada prejudica o desenvolvimento das pessoas:

— Na extrema pobreza, não se consegue comprar alimentos de qualidade. Catam comida no lixão. Isso afetará o desenvolvimento neurológico, o crescimento, o ganho de peso. O adulto desnutrido tem dificuldade de concentração e não vai conseguir trabalhar.

É o que acontece com a família de Adão. Ninguém completou os estudos ou consegue trabalho fixo. O filho Rodrigo deixou o colégio antes de aprender a ler. João Pedro está até hoje na primeira série do ensino fundamental. Rosa cursa a segunda série. Analfabeta, a mãe decidiu voltar à escola neste ano:

— Quero aprender a juntar as letras miudinhas.

Vídeo e fotos em www.diarlogaicho.com.br

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17/4/2013



INVISÍVEIS

O ENDEREÇO

O que mais chama a atenção do professor Flávio Corim é a proximidade entre mundos extremos em Porto Alegre:

— A pobreza pode estar muito perto das pessoas, mas permanecer invisível. Quando você sai um pouco da Protásio (Avenida Protásio Alves) e passa pelo Bairro Bom Jesus, nas partes piores, há locais que nem os vizinhos conhecem. A inexistência de um endereço já condena os cidadãos a não terem uma certa inserção social ou direitos de cidadania.

Onde Núbia e outras 300 famílias moram há uma década, ruas e vielas não existem no mapa oficial da prefeitura. Por ser invasão no Bairro Restinga, o local é identificado por nomes que se consolidam de boca em boca. Isso impede, por exemplo, a chegada dos Correios, do saneamento básico e de água encanada. Aliás, Núbia sobe e desce diariamente 200m em um morro para buscar, num poço condenado, a água que servirá para todas as tarefas da casa e para o banho.

O BANHEIRO

Por ser considerada obra cara e com serventia discutível para a família, o banheiro não foi construído na casa de Núbia. Dois baldes servem para as necessidades fisiológicas. Outro, é para o banho. Um aquecedor improvisado, com resistência de chuveiro e dois fios de cobre, esquenta a água. O risco de choque é enorme. Na rua, duas portas servem de biombo, imitando um box.

— Na hora do meu banho, aviso os vizinhos para saírem dos fundos. Se visitamos um parente, o primeiro lugar que as crianças querem ver é o banheiro — revela Núbia.

A situação não é diferente para Vanessa Bandeira e Adão Jesus César de César. A industrialista usa o banheiro da casa da avó, que mora na mesma rua. À noite, já se acostumaram a não tê-lo.

Na casa do ex-jôquei, nem balde existe. É no mato que a família se alivia. A água, inclusive a usada para beber, vem da casa de vizinhos.

— Uma vez, tivemos uma patente. Depois, as tábuas apodreceram. O banho é de banheira. Tenho vontade de ter um banheiro. Uma casa boa. Mas a situação não deixa — queixa-se Adão.

DIÁRIO GAÚCHO

4

"Me considero um pouco pobre pela dificuldade que a gente passa. De não ter uma renda para os meus três filhos."

Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, industrialista desempregada



Vanessa e o filho Victor, de um ano, usam o banheiro da casa da avó



O BOLSA FAMÍLIA

- O programa faz um cálculo para cada lar, numa soma de itens. O primeiro é de R\$ 70 para cada família que entra pela primeira vez, não tendo renda (seja casal, ou só pai ou só mãe ou responsável).
- Além disso, cada filho vale um incremento, limitado a sete coisas — cinco de R\$ 32 (de zero a 15 anos) e duas de R\$ 38 (16 e 17 anos). Somando esses itens pode-se chegar, no máximo, a R\$ 306.
- No exemplo acima, teríamos um casal e sete filhos. Dividindo-se os R\$ 306 por nove (moradores), resultam R\$ 34. Pelo Bolsa, para deixar de ser extremamente pobre, ninguém pode ganhar menos do que R\$ 70 por mês. Logo, há necessidade de nove complementos de R\$ 36 (R\$ 324). A conta final é R\$ 306 + R\$ 324 = R\$ 630.
- As exigências: vacinar crianças até sete anos, fazer pré-natal (gestantes), ter frequência escolar de 85% (de seis a 15 anos), 75% (16 e 17 anos) e presença de 85% em serviços socioeducativos oferecidos por prefeituras.

Mais informações? Procure o Cras mais próximo de sua casa.



Banho é ao ar livre no lar de Núbia: filharada aguenta a água fria do balde

Hoje:
ELES TÊM
CARA

Amanhã:
VERGONHA
NA CARA

Sexta:
A POBREZA
É CARA

Vídeo e fotos em www.diarjogaicho.com.br

ANEXO C - Matéria na íntegra “Um sonho trilhado na Ponta dos pés”, páginas 17 a 19.

17

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 3/9/2016, E DOMINGO, 4/9/2016

HISTÓRIA INSPIRADORA



O FUTURO NA PONTA DOS PÉS

DG+

Reportagem:
ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

Fotografia:
MATEUS BRUXEL

mateus.bruxel@diariogaucha.com.br

Vinda da periferia de Alegrete, bailarina de 19 anos supera as dificuldades e conquista a chance de completar a formação em uma das mais prestigiadas escolas de dança contemporânea do mundo: a Alvin Ailey American Dance Theater, de Nova York (EUA).

Desde a infância, a filha de pais capoeiristas Dandara Amorim Veiga, 19 anos, de Alegrete, a 500km de Porto Alegre, dividiu-se entre as rodas de capoeira e os palcos de dança. Em ambos, estreou antes de começar a caminhar.

Secretamente, porém, já tinha escolhido o caminho que trilharia na vida. No mês passado, a garota que descobriu o balé aos nove anos num projeto social para crianças carentes teve a certeza: conquistou uma bolsa de estudos de um ano na Alvin Ailey American Dance Theater, em Nova York (EUA), escola de dança contemporânea consagrada mundialmente. Entre mais de cem aspirantes a bailarinos do mundo inteiro, Dandara e outros nove foram selecionados. A partir deste sábado, pelos próximos 12 meses, ela fará parte da escola de dança da Alvin Ailey, companhia fundada em 1958, em meio à luta dos negros por direitos civis. A gaúcha tem a chance de, após o período de estudos, permanecer na equipe como profissional.

Nascida na periferia de Alegrete, ainda no colo, Dandara era incentivada a seguir a carreira dos pais. Por isso, ganhou alongamento e força ao praticar capoeira todos os dias.

— Oitava filmes de dança e ficava encantada. Mas era uma menina muito envergonhada, com medo. Guardava aqui dentro (aponta para o coração) o sonho de, pelo menos, entrar numa sala de balé — confidencia.

44 Choro cada vez que ela dança bolero. Lembro da primeira vez que a vi no palco, ainda bebê. A música de abertura do Dança Alegre era um bolero. *
Mário Luiz, avô de Dandara

Este diamante continuará a ser

lapidado em Nova York

Nos palcos, e estreia da juria ocorreu aos dez meses, como recorda a avó paterna, a doméstica Maria Luiza Lima de Moraes, 70 anos. Nos braços de uma bailarina, Dandara participou de uma coreografia afro no Dança Alegre, evento promovido pela prefeitura que reunia centenas de dançarinos do Brasil e do mundo para apresentações dos mais diferentes ritmos.

— Choro cada vez que ela dança bolero. Lembro da primeira vez que a vi no palco, ainda bebê. A música de abertura do Dança Alegre era um bolero — relembra Maria Luiza.

Mudança de vida

Quando tinha seis anos, Dandara sofreu com a separação dos pais. E o desejo de ingressar no balé ficou mais distante. O pai se mudou para outro Estado e nunca mais contactou a família. A mãe, Liliane Rios de Amorim, hoje com 42 anos, se mudou para uma casa menor, num bairro distante mais de 10km do Centro, e começou a trabalhar como camareira e doméstica para sustentar Dandara e os outros filhos, João Antônio, Jorge Miguel e Janaina, hoje com 14, 17 e 25 anos, respectivamente. A ajuda e a força para ultrapassarem o período vieram da avó paterna.

Mas foi Janaina, atualmente dona de casa no Rio de Janeiro, que, ao saber do sonho da irmã, a inscreveu no projeto social e recreativo de balé Primeiros Passos, criado pela professora Jacqueline Zacarias Siqueira para crianças carentes das escolas públicas de Alegrete. As aulas eram gratuitas, uma vez por semana, e ela ainda receberia a malha e a sapatilha. Como treino, se alongava na cama, na janela de casa e no caminho para a aula. Ações que repete até hoje.

PROJETO SOCIAL

Dos nove aos 13 anos, Dandara integrou o projeto social Primeiros Passos. Foi numa apresentação de final de ano dos alunos que ela acabou sendo descoberta pela própria Jacqueline. A garota esguia tinha 13 anos e, dançando, “lembrava uma pluma”, compara a professora.

A maior parte das bailarinas profissionais costuma iniciar os estudos ainda antes de ingressar no ensino fundamental. Para os padrões exigidos pelo balé, Dandara estava começando tarde. Desconhecendo o histórico de dificuldades financeiras da família da menina, a professora a chamou para ser aluna na Escola de Dança Bailarina, fundada por ela na cidade em 1984. Jacqueline queria lapidar aquele diamante.

— Qualquer movimento no corpo da Dandara tem um significado. Ela transmite uma emoção para quem a está assistindo. Através do corpo da Dandara, a gente consegue viver a dança que ela tanto ama — descreve Jacqueline.


 INVESTIGAÇÃO

 DENÚNCIA

 GENTE

 DIVERSÃO

VIDA SOLITÁRIA

É a avó Maria Luiza, em lágrimas, que especula de onde vem a força da menina franzina:

— A vida dela é a dança. Via a Dandara no palco dançando, mas sempre sozinha. Ela nunca teve uma família unida para assisti-la ou ajudá-la antes dos espetáculos, como as outras. A mãe sempre trabalhou muito, e o pai foi embora. Então, choro quando a vejo dançando porque acho que a família deveria

ter acompanhado mais. A trajetória dela é assim: está sempre só, mas de cabeça erguida e ajudando as colegas no que for preciso.

Mesmo sabendo que a neta queria apenas seguir no palco, Maria Luiza exigiu que ela concluísse o ensino médio e chegasse à universidade. Seguindo o pedido da avó, passou nas provas do Enem e ingressou em 2015 na Educação Física da Urcamp. Fez dois semestres e trancou o curso.

— De manhã, ajudava a minha professora. Depois, dava aula no Primeiros Passos. Em seguida, lecionava num projeto da faculdade. E ainda fazia aula de balé todos os dias. No que restava de tempo livre, ficava ensaiando — relembra Dandara.

“A dança é o ar que eu respiro. Se eu não puder dançar, não serei a Dandara.”



Tempo livre é

tempo para mais ensaio

Com a avó, costurava figurinos

para bancar os estudos no balé



ALVIN AILEY

Aos 14 anos, Dandara conheceu por acaso o trabalho da companhia norte-americana e prometeu para si que, um dia, faria parte dela: — Nas apresentações e competições, me incomodava muito ser a única bailarina negra. Pesquisei sobre o tema e encontrei a Alvin Ailey. Então, pensei: é lá que quero dançar.

Na audição realizada em junho deste ano, em Nova York, Dandara conseguiu deixar marcas. O haitiano Jean Emile, bailarino, coreógrafo e professor da Alvin Ailey, diz que ela é especial. Foi ele

“É quase como se ela tivesse nascido para dançar.”
Jean Emile, professor

quem, ao vê-la numa competição na Itália, a convidou para fazer um curso de verão em Nova York na escola.

— Há uma brasilidade inerente nela, que pode ser resumida na perseverança característica do brasileiro quando encontra a sua paixão. Mas o talento dela não para por aí. É quase como se ela tivesse nascido para dançar — afirma Emile, em entrevista por telefone.

ESFORÇO

No primeiro ano no projeto Primeiros Passos, a adolescente contou com a ajuda de Maria Luiza, que trabalhou mais horas na limpeza para pagar a mensalidade e os uniformes. Quando Dandara temeu abandonar o sonho por não ter mais dinheiro, ela e a avó passaram a costurar os figurinos das apresentações. Para ganhar as fotos dos espetáculos, Dandara ajudava na produção das imagens das colegas.

É, mesmo escondendo a tristeza de não ter o pai por perto ou de passar os dias esperando pela mãe, Liliane, que trabalhava demais, jamais parou de dançar. Quando não tinha o dinheiro do ônibus até a escola, a caminhando. Para não ver a filha sofrer ainda mais, a mãe sugeriu que ela fosse viver na casa de amigos da família, vizinhos da Bailarina. A menina ficou lá três meses, até se mudar para a casa da avó.

— Tudo é compensado com a determinação e aquele sonho que ela sempre correu atrás — emociona-se Liliane.

AGULHA INESQUECÍVEL

Como bailarina, Dandara — que recebeu este nome em homenagem à mulher guerreira que lutou ao lado do marido, Zumbi dos Palmares —, passou a colecionar medalhas nas competições disputadas. Entre 2011 e 2015, ela conquistou 25 premiações entre apresentações solo e em grupo no Bento em Dança, em Bento Gonçalves, na Serra.

Das histórias que guarda do maior festival de dança do Estado, uma deixou marcas reais na menina. Foi em 2012, quando se apresentou com uma agulha cravada no pé. — Pegava sapatilhas

velhas das colegas e as reformava para usá-las. Naquele dia, estava costurando a minha quando mudaram a ordem do espetáculo e me obrigaram a entrar. Como não tinha concluído a costura, dancei um repertório neoclássico com a agulha enfiada por completo no pé. Estava tão focada que esqueci a dor. Tivei terceiro lugar — recorda, aos risos.

“Sabia que, se eu quisesse alguma coisa com a dança, tinha que me focar e me dedicar.”



Medalhas conquistadas

com suor e sacrifício

FOCO

Determinada, Dandara mantém o foco:

— O meu maior sonho é poder afirmar que sou uma bailarina profissional e que vivo

da coisa que mais amo. Ainda estou estudando e correndo atrás de uma oportunidade de trabalho. Mas é impossível não me

sentir uma vencedora. Por este pouco tempo, consegui conquistar tantas coisas que, às vezes, muitos bailarinos não conseguem. Tenho que acreditar.

Ao 12 anos, ela rabisou numa folha de papel uma menina segurando balões em meio a uma estrada e escreveu a mensagem que carregaria como

lema: "Sonhos não têm pernas, mas voam sem. Corra atrás deles!"

Dandara, porém, não corre. Ela dança em direção a eles.

PARA AJUDAR

Mesmo com a bolsa de estudos, Dandara precisa de dinheiro para outras despesas. Amigos pretendem fazer uma campanha. Ela abriu uma conta para receber doações:

/// Banco do Brasil
 /// Agência: 0144-9
 /// Nome: Dandara Amorim Veiga
 /// Conta corrente: 55.257-7



Dançando, ela toca a alma dos espectadores

NOVOS RUMOS

Com o dinheiro do prêmio conquistado no festival da Itália, a juria de Alegrete viajou em janeiro deste ano para Montana, nos Estados Unidos, onde tirou o primeiro lugar numa competição internacional que lhe deu prêmio em dinheiro e uma bolsa de estudos de quatro meses na escola de dança da cubana Anarella Sanchez, em Leiria, Portugal. Nem voltou para casa. Ao desembarcar em São Paulo, pensando que seguiria para Alegrete,

soube que Claudia Zaccari pagaria as despesas dela em terras portuguesas.

Nos primeiros sete meses deste ano, vividos fora do Brasil, Dandara fez aulas de balé clássico e contemporâneo das 9h às 21h.

— Foi algo bem forte, mas que precisava para amadurecer e conhecer mais o meu corpo — explica a adolescente.

Em Portugal, a gaúcha conquistou outras dez medalhas

na Dance World Cup Portugal e na Leiria Dance Competition. Com o dinheiro, se inscreveu no curso de verão da Alvin Ailey e só voltou ao Brasil

“Fico muito impressionada porque este é o meu sexto ano de balé. Era o que eu queria para a minha vida. Acho que, se não tivesse a dança, ficaria doente.”

em agosto. Agora, se prepara para viver nos Estados Unidos. A chefe da mãe de Dandara se ofereceu para dar aulas gratuitas de inglês à menina.

Nos Estados Unidos, ela dividirá um apartamento com outros aspirantes a bailarinos profissionais. Já há um movimento em Alegrete e na própria Alvin Ailey para arrecadar fundos que a ajudem a se manter em terras estrangeiras no período.



Foco e força para viver amor pela dança

PELO MUNDO

O talento da adolescente foi percebido também por um dos mais conceituados bailarinos da América do Sul, em 2014, durante o festival Bento em Dança.

Impressionado com a menina que unia suavidade e força na mesma intensidade, o argentino Raúl Candal, que durante 20 anos foi o primeiro bailarino do Teatro Colón de Buenos Aires, a avaliou na época:

— Compensa com a alma o que não construiu quando criança. A coisa mais fácil do mundo é montar uma coreografia para ela. No mesmo ano, a italiana Claudia Zaccari, primeira bailarina do teatro de Roma e professora

de balé, se encantou com a habilidade de Dandara durante uma aula de balé clássico no Bento em Dança.

— Meus olhos não saíam da menina bonita, com corpo atlético e com muitas flores no cabelo. Seus movimentos me fixaram. Mas foi só no ano seguinte que a conheci e soube do desejo de se tornar profissional — disse Claudia, em entrevista via Facebook.

Desconhecendo a situação financeira da menina, Claudia a convidou para participar do DanzaFirenze, uma competição anual de dança em Florença, na Itália. Em Alegrete, uma grande corrente se formou

entre os moradores para pagar as despesas da viagem. Na Bailarina, foram feitos brechós e rifas que ajudaram na arrecadação do dinheiro.

Como retribuição, Dandara conquistou o primeiro lugar na competição que enviava dançarinos do mundo todo. Lá, Claudia diz, professores renomados, como Andréa Baker, Guy Le Bock, Rosanna Brocanello e o próprio Jean Emile, se empenharam com a menina.

— Existem muitos dançarinos bons em técnica. Mas são poucos os que tocam profundamente na alma. Dandara é um deles — garante Claudia.

"DANDARA VAI LONGE NO CAMINHO CONQUISTADO POR ELA"

Assim como Dandara, Gabriel Fernandes, 24 anos, sonhava com os palcos em 2009, quando ainda morava na Vila Atenis, no Bairro Mario Quintana, em Porto Alegre. Orçando de um projeto social de balé na escola onde estudava, Gabriel, que também teve sua história contada pelo DG, ganhou uma bolsa de

estudos no Conservatório Brasileiro de Dança, no Rio de Janeiro, e contou com a ajuda de amigos e professores para se

“O meu maior sonho é poder afirmar que sou uma bailarina profissional e que vivo da coisa que mais amo.”

manter por um ano no outro Estado. Nunca mais voltou.

Em menos de seis meses, foi contratado pela Companhia Brasileira de Ballet. Depois, atuou no corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, no ano passado, fez parte da Cia de Dança Deborah Colker. Hoje, é bailarino da São Paulo Companhia de

Dança. Ao saber da história de Dandara, Gabriel emocionou-se. Lembrou da própria superação.

— Imagino o quanto a Dandara é especial, pois ingressar na escola da Alvin é sinônimo de crescimento profissional e pessoal. Dandara vai longe no caminho conquistado por ela — acredita o bailarino.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad